

MUSEU DA VIDA/ CASA DE OSWALDO CRUZ / FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DA CIÊNCIA / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FUNDAÇÃO CECIERJ
MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS
INSTITUTO DE PESQUISA JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIVULGAÇÃO
E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Graça Maria Vieira Portela

Podcast & Covid-19: a produção nas instituições públicas federais
de ensino durante a pandemia

Rio de Janeiro

Julho/2021

Graça Maria Vieira Portela

Podcast & Covid-19: a produção nas instituições públicas federais de ensino durante a pandemia

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Divulgação e Popularização da Ciência.

Orientador: Wagner Oliveira

Rio de Janeiro

Julho/2021

Portela, Graça Maria Vieira

Podcast & Covid-19: a produção nas instituições públicas federais de ensino durante a pandemia / Graça Maria Vieira Portela. Rio de Janeiro - 2021.

nº.f.82.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

Orientador: Wagner Oliveira.

1. COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA. 2. Popularização da ciência. 3. WEBCAST. 4. Comunicação pública da ciência. 5. Covid-19. I. Título.

Graça Maria Vieira Portela

Podcast & Covid-19: a produção nas instituições públicas federais de ensino durante a pandemia

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Divulgação e Popularização da Ciência.

Orientador: Wagner Oliveira

Aprovado em: ___/___/___.

Banca Examinadora

Nome do Membro 1, titulação, instituição a que pertence e assinatura

Nome do Membro 2, titulação, instituição a que pertence e assinatura

Em homenagem às mais de meio milhão de pessoas que se foram nesta insana pandemia e a todos aqueles trabalhadores e trabalhadoras das universidades públicas, federais e estaduais, que, mesmo desacreditados, fizeram a diferença para a popularização da ciência em tempos tão sombrios.

AGRADECIMENTOS

À minha amada Tia Lili que, no alto de seus quase 92 anos, como profissional da área de saúde (de uma época em que só havia auxiliares de enfermagem), sempre atenta a tudo, vaticina: “Isso vai passar!”.

À minha querida prima-irmã Ana, psicóloga, especialista em gerontologia, que cuida de idosos e de cuidadores, e está sempre atenta a todos os caminhos da ciência e da saúde (bem filha da Tia Lili), e que me traz sempre novas informações e novas questões.

À minha amiga-irmã Berninha, que sofreu muito no primeiro ano da pandemia, com perdas de pessoas preciosas, inclusive por Covid, e que sempre acreditou que esse trabalho era possível.

Ao meu priminho Felipe Jorge Abdir (com esse nome de príncipe), que inicia a sua adolescência em meio a uma pandemia e vivendo as incertezas do mundo e da idade, e que sempre pergunta: “Tia Graça, o que você acha?” E me faz pensar em ter esperança, muito mais do que certezas.

Ao meu orientador, Wagner Oliveira, para mim uma referência profissional na Fiocruz, desde quando era o coordenador de comunicação da Fundação, pela sua integridade e profissionalismo.

Aos avaliadores Maria Fernanda Marques e Miguel Oliveira, e a professora Beatriz Schwenck que, com suas observações tão precisas, ajudaram a ampliar os horizontes desse trabalho.

Aos meus professores e colegas de turma da Especialização 2020, que, no meio de tanta adversidade que esse ano pandêmico trouxe a todos nós, souberam me estimular a seguir adiante.

A cada pessoa que, com essa pandemia, não teve tempo de descobrir que:

*Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais
E ter errado mais
Ter feito o que eu queria fazer (...)
(...) Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos
Ter morrido de amor (...)*

E, por fim, àquelas pessoas que ainda seguem acreditando que:

*O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...*

Que o acaso nos proteja!

(BRITTO, Sérgio, 2001 - Música "Epitáfio", cd "A Melhor Banda de Todos os Tempos da Última Semana", Titãs).

RESUMO

PORTELA, Graça Maria Vieira. **Podcast & Covid-19**: A produção nas instituições públicas federais de ensino durante a pandemia. 2021. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2021.

E lá se foram 366 horas dos 1.200 episódios de *podcasts* analisados, desenvolvidos pelas universidades públicas federais durante a pandemia de Covid-19, no período de março a setembro de 2020. Números que podem parecer impressionantes, mas que são pequenos diante da produção feita por alunos, professores, pesquisadores e comunicadores institucionais no primeiro período da pandemia. Este estudo qualitativo e exploratório dos áudios produzidos buscou falar desta nova mídia, o *podcast*, que visa ampliar a divulgação científica de temas antes restritos a círculos acadêmicos. O estudo aponta o sucesso de plataformas como o Spotify, mas também a importância dos *sites* institucionais, que mostrou os pesquisadores de bancadas levando suas pesquisas aos ouvintes, seja por meio de entrevistas ou mesas redondas. Onde temas como prevenção e cuidados, saúde mental, quarentena e isolamento social, *fake news* e desinformação, além da influência da pandemia nos trabalhadores - empregados ou não - foram relevantes para discussão. E onde a população em geral e a comunidade acadêmica foram os públicos eleitos para ouvir o que se passava dentro das academias. O levantamento por região deu um panorama nacional e mostrou a importância dessas iniciativas, e pretende lançar luz sobre o papel da comunicação institucional durante a pandemia e a necessidade de ter a Ciência mais próxima da população e com uma dinâmica mais bidirecional.

Palavras-chave: Divulgação científica. Popularização da ciência. *Podcast*. *Podcast* universitário. Covid-19.

ABSTRACT

PORTELA, Graça Maria Vieira. **Podcast & Covid-19**: Production in federal public educational institutions during the pandemic. 2021. 82 f. Course Conclusion Work (Specialization in Dissemination and Popularization of Science) – Oswaldo Cruz Foundation. House of Oswaldo Cruz. Museum of Life; Federal University of Rio de Janeiro. House of Science; CECIERJ Foundation; Museum of Astronomy and Related Sciences; Rio de Janeiro Botanical Garden Research Institute. Rio de Janeiro: 2021.

And there went 366 hours of the 1,200 episodes of podcasts analyzed, from March to September 2020, from federal public universities, developed during the Covid-19 pandemic. Numbers that may seem impressive but are small compared to the production made by students, professors, researchers and institutional communicators in the first period of the pandemic. This qualitative-quantitative and exploratory study of the produced audios sought to talk about this new medium, the podcast, which aims to broaden the scientific dissemination of topics that were previously restricted to academic circles. A study that showed the success of platforms like Spotify, but also the importance of institutional sites; which showed researchers taking their studies to listeners, either through interviews or roundtables. Where topics such as prevention and care, mental health, quarantine and social isolation, *fake news* and misinformation, in addition to workers - employed or not, were relevant for discussion. And where the general population and the academic community were the chosen listeners to hear what was going on inside the academies. The survey by regions gave a national panorama and showed us the importance of these initiatives and intends to shed light on the role of institutional communication during the pandemic and the need to have Science closer to the population and with a more bidirectional communication.

Keywords: Scientific dissemination. Popularization of science. Podcast. University podcast. Covid-19.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS UTILIZADAS

BIOMANGUINHOS	Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCS	Coordenadoria de Comunicação Social / Fiocruz
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CVI	Consórcio de Veículos de Imprensa
ETEc	Encomenda Técnica
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
ICICT	Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
LACEN	Laboratório Central de Saúde Pública
MS	Ministério da Saúde
OEA	Organização dos Estados Americanos
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PCT	Povos e Comunidades Tradicionais
PET	Programa de Educação Tutorial
SISSA	Scuola Internazionale Superiore di Stud Avanzati
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
WHO	World Health Organization
UFAC	Universidade Federal do Acre
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCSPA	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UnB	Universidade de Brasília
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	OS TERMOS DA PANDEMIA	15
3	BREVE HISTÓRIA DA PANDEMIA	18
4	DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM TEMPOS DE PANDEMIA	22
4.1	DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	22
4.2	O PAPEL DA GRANDE MÍDIA	24
4.3	INFODEMIA E DESINFORMAÇÃO	26
4.4	O PAPEL DAS UNIVERSIDADES	30
4.5	OS <i>PODCASTS</i>	31
4.6	A PRODUÇÃO DE <i>PODCASTS</i> NAS UNIVERSIDADES	33
5	OBJETIVOS	36
5.1	OBJETIVO GERAL	36
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	36
6	METODOLOGIA	37
7	MAPEAMENTO E DISCUSSÕES	43
7.1	REGIÃO CENTRO-OESTE	43
7.2	REGIÃO NORDESTE	44
7.3	REGIÃO NORTE	45
7.4	REGIÃO SUDESTE	46
7.5	REGIÃO SUL	47
8	CONCLUSÕES	49
	REFERÊNCIAS	56
	ANEXO 1 – DETALHAMENTO DOS <i>PODCASTS</i> ANALISADOS POR REGIÃO, ESTADO E UNIVERSIDADE	61
	ANEXO 2 – EXEMPLOS DE EPISÓDIOS DE <i>PODCASTS</i> ANALISADOS POR REGIÃO	62
	REGIÃO CENTRO-OESTE	62
	REGIÃO NORDESTE	64
	REGIÃO NORTE	74
	REGIÃO SUDESTE	76
	REGIÃO SUL	79

1 INTRODUÇÃO

Considerando que a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) – conhecido como Covid-19 – afetou a população mundial e que está sendo fundamental informar a população sobre o que é vírus, como se prevenir e que cuidados devemos ter uma vez infectados, achamos por bem verificar o que as instituições públicas federais de ensino estavam produzindo para levar informação às pessoas e ajudá-las a atravessar a pandemia, assim como as conexões do trabalho desenvolvido nas universidades públicas federais com o campo da divulgação e da popularização da ciência.

Este estudo tem por objetivo mostrar o trabalho desenvolvido pelas universidades públicas federais, apesar da redução orçamentária que elas vêm sofrendo, na sua tarefa de desenvolver ações de comunicação pública sobre temas científicos. Visa também mostrar como a ciência no Brasil segue viva na sua importância para o país e para a sociedade.

A escolha das instituições recaiu nas universidades públicas federais por terem elas o perfil de atuação próximo à Fiocruz, com suas pesquisas técnico-científicas, enquanto serviço público. A nós interessa esta aproximação com a realidade da Fiocruz em função de nossa trajetória na instituição e de termos desenvolvido conteúdos sobre Covid-19 para o projeto Se Liga no Corona, da Fundação Oswaldo Cruz. Não incluímos aqui os institutos públicos federais de ensino, bem como as universidades federais fora das capitais, por conta do pouco tempo que teríamos para analisar o material e para bem delimitar e dar um foco ao estudo.

O material a ser pesquisado é a produção de *podcasts*, por sua característica de comunicação direta com a população, pela facilidade com que os áudios podem circular entre os ouvintes (através de celulares, *tablets* e computadores em geral) e por ser uma mídia em expansão junto ao público, com linguagem simples e direta, e que permite que as pessoas acessem em qualquer dia e horário, podendo ainda repassá-los a outras pessoas, via mídias sociais.

Por fim, o tema surgiu diante da minha experiência profissional na produção de *podcasts* e conteúdos sobre divulgação científica enquanto assessora de imprensa do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde – Icict, da Fiocruz, e como coordenadora/produtora do projeto Fiocruz no Ar, que desenvolvi no âmbito do edital da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação –

VPEIC, da Fiocruz. Esta Especialização é o desdobramento natural dessas duas atividades.

O período de estudo desse trabalho inicia-se em março de 2020, quando a pandemia de Covid-19 tem o primeiro caso de infecção do SARS-CoV-2 registrado no Brasil, e vai até setembro de 2020, quando se acreditava (por ingenuidade e/ou esperança) que, com o declínio do número de infectados e de mortos, a pandemia de Covid-19 estava acabando no país.

Apesar da Organização Mundial da Saúde (OMS) grafar o nome da doença em letras maiúsculas (COVID-19) em boa parte de seus documentos, adotaremos neste trabalho, para fins estéticos, a grafia mais corrente: Covid-19. Outro ponto que visa facilitar a leitura e a compreensão do texto é a relação dos termos científicos mais usados durante a pandemia que foram incorporados à cobertura da grande mídia e também ao dia a dia das pessoas e que estão presentes nos *podcasts* analisados, seja por meio das palavras dos pesquisadores entrevistados, seja pela narração feita por alunos e professores.

2 OS TERMOS DA PANDEMIA

Gostaríamos de apresentar a profusão de termos usados entre grupos restritos, em sua maioria da área de saúde e da ciência, como profissionais e pesquisadores, que entraram no dia a dia das pessoas, mas que não são usuais ao cidadão comum e podem aparecer nesta dissertação. A ampla visibilidade desses termos nos meses de pandemia, por outro lado, apontou para diferentes aspectos relacionados ao campo da divulgação científica e aos desafios colados nas discussões envolvendo ciência e sociedade.

Segue um breve resumo de cada um, de forma bastante simplificada, para facilitar a leitura deste trabalho, tendo por base alguns documentos publicados por órgãos da área de Saúde, como o Ministério da Saúde (MS), Prefeitura de Goiânia (GO), OMS, Instituto Butantan, BioManguinhos/Fiocruz e Plataforma TelessaúdeRS, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

- a) Coronavírus – o vírus causador da doença Covid-19 tem o nome de SARS-CoV-2, sigla em inglês que significa coronavírus 2 (CoV-2), da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS – sigla em inglês). Descoberto em dezembro de 2019, ganhou o nome de Novo Coronavírus (2019-n-CoV), pois é o segundo da espécie SARS, dentro da grande família de vírus tipo Coronavírus. É importante saber que micro-organismos como o coronavírus sofrem mutações, que são as variações do vírus original, quando sobrevivem na população (daí o caso de novas cepas), muitas delas mais agressivas que o vírus original;
- b) Covid-19 (a doença) – é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevado nível de transmissão e de alcance mundial. É uma doença infecciosa, ou seja, passa de pessoa a pessoa, por meio de gotículas espalhadas por indivíduos doentes (quando falam, espirram, tosse) - por isso é imprescindível o distanciamento social, o uso de máscaras e a higienização constante das mãos, dentre outras medidas. Apresenta alguns sintomas gerais, que variam de uma pessoa a outra:
 - sintomas mais comuns: febre, tosse seca, cansaço;

- sintomas menos comuns: dores no corpo e desconforto, dor de garganta, diarreia, conjuntivite, dor de cabeça, perda de paladar e/ou olfato, erupção cutânea na pele, descoloração dos dedos das mãos ou dos pés;
 - sintomas graves: dificuldade de respirar e/ou falta de ar, dor ou pressão no peito, perda de fala e/ou movimento.
- c) Distanciamento social – É a diminuição de contato (interação) entre as pessoas de uma comunidade, a fim de reduzir a velocidade de transmissão do vírus. É uma estratégia importante quando há indivíduos já infectados, mas que não têm sintomas (assintomáticos) ou apresentam poucos ou leves sinais da doença (oligossintomáticos), ou seja, não sabem se são portadores da doença e não estão em isolamento;
- d) Isolamento – Medida que visa separar as pessoas doentes (casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo coronavírus), de pessoas que não estejam infectadas, para evitar que o vírus se espalhe e as contamine;
- e) *Lockdown* (ou quarentena comunitária ou contenção comunitária) – O termo em inglês significa uma intervenção aplicada a uma comunidade, cidade ou região, com o objetivo de limitar (restringir) o contato entre as pessoas e interromper qualquer atividade por um curto período de tempo, com exceção de saídas para atividades básicas como comprar alimentos ou remédios;
- f) Pandemia – É quando uma nova doença se espalha por uma região e também por diferentes países e continentes, afetando a população mundial. O termo é diferente de epidemia (que se dá quando ocorre um aumento no número de casos de uma doença em diversas regiões, estados ou cidades, porém sem atingir níveis globais - o mundo inteiro); de surto (ocorre quando há aumento localizado do número de casos de uma doença) e de endemia (que é quando uma doença ocorre sempre em uma região, mas não há um aumento significativo no número de casos e a população convive com ela, como malária e dengue, por exemplo). É a Organização Mundial de Saúde (OMS) que determina quando uma doença se transforma em pandemia, por meio de análises, tais como a velocidade com que essa doença está atingindo as pessoas nas regiões, países e continentes. Em um comunicado emitido no dia 11 de março de 2020, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou que a Covid-19 poderia ser caracterizada como uma pandemia: “A OMS tem tratado da disseminação em uma escala

de tempo muito curta, e estamos muito preocupados com os níveis alarmantes de contaminação. Por essa razão, consideramos que o Covid-19 pode ser caracterizado como uma pandemia”;

- g) Quarentena – é a limitação (restrição) de atividades ou separação de pessoas que foram possivelmente expostas a uma doença contagiosa, mas que não estão doentes (podendo estar no período de incubação – quando a doença ainda não se manifesta no corpo do indivíduo);
- h) Vírus – Não são constituídos de células e precisam de uma para se multiplicar dentro do organismo infectado, causando doenças específicas, como: rubéola, catapora, coronavírus, Aids. Os vírus são diferentes das bactérias, que são unicelulares (têm uma célula apenas), sendo algumas parasitas e que causam doenças como a pneumonia e o cólera, por exemplo. Algumas bactérias atuam em nosso intestino, ajudando na digestão e absorção das vitaminas. As infecções bacterianas são tratadas com antibióticos específicos para cada grupo de bactérias.

Quando esses termos começaram a ser usados? Vamos relembrar o início da pandemia no mundo e no Brasil.

3 BREVE HISTÓRIA DA PANDEMIA

Dos primeiros casos da doença, então identificada como um tipo de pneumonia, no dia 8 de dezembro de 2019, em Wuhan, na China, até o dia 28 de janeiro de 2020, quando o diretor geral da Organização Mundial da Saúde – OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou Emergência internacional por conta do vírus SARS-CoV-2, que causa a Covid-19, houve pouco tempo para as pessoas entenderem que o mundo estava entrando em uma pandemia.

No Brasil, o Ministério da Saúde identificou no dia 22 de janeiro de 2020 o primeiro caso suspeito em território brasileiro. Desde essa data, o número de casos de infectados disparou em todo o mundo e a quantidade de mortes assustou grande parte da população mundial, inclusive no Brasil. Mas onde buscar informação confiável, uma vez que a todo momento novas descobertas eram feitas e o que era uma certeza em determinado momento tornava-se dúvida no momento seguinte?

Pelo cronograma de respostas da OMS em relação às estratégias para o combate ao vírus, é possível acompanhar o passo a passo de todas as ações da Organização no mundo. Em 24 de janeiro de 2020, por exemplo, em reunião com os embaixadores dos países que compõem a Organização dos Estados Americanos (OEA), o diretor da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/OMS) pediu aos países membros que “se preparassem para detectar precocemente, isolar e cuidar de pacientes infectados com o novo coronavírus, no caso de receber viajantes de países onde havia transmissão contínua de novos casos de coronavírus”. Quatro dias depois, a OMS admitiu que o risco de epidemia de SARS-CoV-2 no mundo era alto. Enquanto isso, o Brasil se preparava para a sua maior festa popular, o carnaval, que aconteceria entre os dias 21 e 25 de fevereiro de 2020.

Inicialmente chamado de “novel coronavírus”, o vírus recebeu o nome de 2019 – nCoV. Em 11 de fevereiro de 2020, a OMS anunciou, seguindo as boas práticas, que a doença causada pelo vírus seria chamada de “Covid-19”, visando “evitar imprecisões e estigmas e, portanto, não se referia a uma localização geográfica, um animal, um indivíduo ou grupo de pessoas”. A medida foi baseada no documento *World Health Organization – Best Practices for the Naming of New Human Infectious Diseases*, publicado em 2015.

No dia 27 de fevereiro daquele ano, a OMS estabelecia que, para a contenção da doença (cujos sintomas básicos eram problemas respiratórios, tosse seca,

cansaço, febre... Fáceis de serem confundidos como uma simples gripe), seria necessário que a população adotasse, como forma de precaução à Covid-19: usar máscaras médicas, caso a pessoa tivesse sintomas da doença; fazer a higiene frequente das mãos com álcool em gel e também lavá-las com água e sabão; evitar tocar nos olhos, nariz e boca; manter distanciamento social de, pelo menos, um metro entre cada pessoa; dentre outras medidas profiláticas. Em 7 de março de 2020, a OMS assinalava que o número de infectados em todo o mundo chegava a 100.000 pessoas.

Ao final do carnaval no Brasil, tivemos oficialmente confirmado o primeiro caso de coronavírus no país. Era um paciente de São Paulo que havia retornado da Itália. O número de casos suspeitos monitorados pelo Ministério da Saúde chegava a 132. Ao final de março, já havia registro de casos confirmados da Covid-19 em 26 estados e no Distrito Federal, totalizando 2.201 casos.

É a partir de março de 2020 que nossa pesquisa começa. Neste momento, dados do Ministério da Saúde (MS) indicavam a confirmação de dois casos de contaminação pelo coronavírus e o monitoramento de 433 casos suspeitos, embora o Ministério alegasse que ainda não havia evidências de circulação sustentada do vírus em território nacional. Contudo, o MS seguiu monitorando pessoas que estivessem vindo da China, Alemanha, Austrália, Emirados Árabes, Filipinas, França, Irã, Itália, Malásia, Japão, Singapura, Coreia do Sul, Coreia do Norte, Tailândia, Vietnã e Camboja. Paralelo a isso, o Ministério da Saúde também iniciava a distribuição de 30 mil *kits* para teste diagnóstico específico para Covid-19. Inicialmente, os 10 mil primeiros *kits* foram para os Laboratórios Centrais de Saúde Pública (LACENs) do Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina e Sergipe.

Os números seguiram aumentando. Em 1º de abril de 2020, o Ministério da Saúde (MS) apontava 1,1 mil novos casos em 24 horas, com 241 mortes. E maio, nova nota do MS informava que “não há perspectiva de estabilização ou diminuição do avanço de doenças respiratórias causadas pela Covid-19. Mais de 50% dos municípios brasileiros possuem pessoas contaminadas pelo novo coronavírus”. Enquanto isso, os veículos de comunicação, em especial os da grande mídia, buscavam informações sobre o que era a doença e como combatê-la.

Em maio de 2020, o Brasil superou a marca de meio milhão de casos confirmados de Covid-19, sendo 514.849 pessoas infectadas desde o início da pandemia e o número assustador de 16.409 novos casos.

Em junho de 2020, a OMS informou que o Brasil era responsável “por uma a cada quatro mortes por Covid-19 nas Américas” (Sanarmed, 2020). No início do mês, problemas técnicos apresentados na Plataforma e-SUS, do Ministério da Saúde, que contabiliza os dados da doença a partir da coleta de informações das secretarias estaduais de saúde, levaram à subnotificação de casos de infecção e óbitos. Atrasos na liberação do boletim epidemiológico e dúvidas em relação aos dados divulgados, criaram um ambiente de desconfiança em relação à divulgação do Ministério. No dia 08 de junho, o Governo Federal publicou em seu *site* o lançamento de uma nova plataforma interativa para acompanhar os números da pandemia. A nota “Ministério da Saúde divulgará dados de Covid-19 em plataforma interativa” informava que “um novo modelo de divulgação de informações abordará o cenário atual da doença com análise de casos e mortes por data de ocorrência, de forma regionalizada.” A partir dali, o Ministério da Saúde adotou um boletim semanal, divulgado às terças-feiras, baseado na semana epidemiológica. Na prática, o Governo Federal deixava de divulgar o número de mortes e casos que tivessem sido confirmados para a Covid-19 nas últimas 24 horas.

A mudança levou a imprensa nacional e estrangeira a fazer duras críticas ao governo brasileiro, como a matéria publicada no *site* de notícias BBC Brasil - “Brasil é destaque no mundo por não divulgar dados de mortes por covid-19”, que repercutiu uma reportagem do jornal inglês The Guardian. Nela, o diretor de emergências da OMS, Michael Ryan, afirmava:

É muito importante, ao mesmo tempo, que as mensagens sobre transparência e divulgação de informações sejam consistentes, e que nós possamos contar com os nossos parceiros no Brasil para fornecer essa informação para nós, mas, mais importante, aos seus cidadãos. Eles precisam saber o que está acontecendo. (BBC Brasil, 2020)

A medida chegou em um momento no qual os veículos da grande mídia já reclamavam da variação de horários para divulgar os dados da pandemia à imprensa, o que, segundo matéria publicada no portal G1 (2020), “dificultava e inviabilizava a publicação dos dados em telejornais e veículos impressos”.

Em resposta a essa situação, foi formado, no próprio mês de junho de 2020, o Consórcio de Veículos de Imprensa (CVI), com os portais G1 e Universo Online, bem como os jornais Extra, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo, com objetivo de coletar dados sobre a Covid-19 nas secretarias estaduais de Saúde, “e divulgar em conjunto, números sobre mortes e contaminados, em razão das limitações impostas pelo Ministério da Saúde”. Junho terminou com mais de um milhão de infectados pela doença no Brasil.

O mês de julho do mesmo ano terminou com os dados das secretarias estaduais e municipais de saúde, apontando que 32.912 pessoas vieram a óbito por Covid-19, sendo essas um terço das 92.568 mortes registradas desde o início da pandemia.

Agosto foi marcado pelo anúncio do Instituto Butantan (2020), que indicava a possibilidade de produção de vacina contra o coronavírus estar disponível em outubro daquele mesmo ano. Os testes da Coronavac estavam sendo feitos em nove mil voluntários em diversos estados. Pelos números oficiais do Ministério da Saúde (MS), os óbitos chegaram a 94.104 (dados diferentes dos apontados pelo CVI), totalizando mais de dois milhões de infectados pelo Sars-CoV-2 desde o início da pandemia. Conforme os dados do CVI, nesse mês o Brasil ultrapassou os 105 mil óbitos.

Para concluir, em setembro de 2020, quando encerramos a nossa pesquisa, a pandemia de Covid-19 apresentava uma possível desaceleração, com a média de mortes caindo 11% (período de 23 a 29 de agosto de 2020) e diversos estados registrando queda de novos óbitos ou estabilização dos casos (Sanarmed, 2020). Dia 9 de setembro de 2020, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) assinou o contrato de Encomenda Tecnológica (Etec) com a AstraZeneca, “que detém os direitos de produção, distribuição e comercialização da vacina Covid-19, desenvolvida pela Universidade de Oxford”, que possibilita à Fundação “o acesso a 100,4 milhões de doses do Ingrediente Farmacêutico Ativo (IFA) para o processamento final (formulação, envase, rotulagem e embalagem) e controle de qualidade, ao mesmo tempo em que garante à Fiocruz a transferência total da tecnologia” (Fiocruz, 2020).

Esse breve histórico aponta, nas entrelinhas, como a divulgação científica ganhou espaços e importância no cotidiano do mundo.

4 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Para entendermos um pouco mais sobre alguns conceitos que serão muito utilizados nesse trabalho, cabe uma explicação sobre o que é divulgação científica, infodemia e desinformação, e o que são *podcasts*, objeto deste estudo.

4.1 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

De uma forma bem abrangente e sucinta, podemos dizer que a função da divulgação científica é gerar conhecimento e entendimento da ciência, democratizando o acesso da população a temas de ciência (e tecnologia) que possam impactar e mudar o seu cotidiano. Mas o que é esse processo de divulgação científica?

Graça Caldas¹(2011) cita, em seu artigo “Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência”, que para compreender a divulgação científica é necessário conhecer os conceitos atribuídos à “comunicação pública da ciência”, os quatro modelos propostos por Brossard e Lewenstein (2006) – os modelos de déficit, contextual, de experiência leiga e de participação pública.

Os modelos identificam a evolução da divulgação científica, partindo de um modelo diretamente conectado à ideia de alfabetização científica (o de déficit, de meados do século 19), que apenas repassa informações ao público leigo, considerando sua ignorância em relação aos temas científicos; para o contextual, considerado por muitos como uma visão “refinada” do modelo de déficit, pois preocupa-se em valorizar as experiências culturais e saberes prévios do público, mas desconsidera totalmente suas respostas ao que é divulgado e da forma que é divulgado. O modelo contextual (anos 1980) avança em reconhecer o papel da mídia na ampliação dos conceitos científicos.

Já o modelo “experiência leiga”, do início da década de 1990, que no Brasil acompanha o processo de redemocratização política, reconhece os saberes, histórias,

¹ Graça Caldas, pesquisadora Programa de pós-Graduação e Divulgação Científica e Cultural, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), do Instituto de Estudos e Linguagem (IEL/Unicamp). Artigo extraído da coletânea "Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas" - Publicado em 2011 – EDUFBA.

crenças e valores das comunidades reais, sendo um modelo mais dialógico e democrático. Entretanto, como afirma Caldas (2011), falha em não fornecer elementos necessários para uma real tomada de decisão do público em situações políticas conflitantes. O modelo mais aceito e utilizado nos dias atuais é o de “participação pública”, justamente por valorizar a opinião do público e sua participação nas decisões sobre políticas públicas de Ciência, Tecnologia e Informação. Como está mais centrado na discussão de políticas científicas, sofre algumas críticas por não focar a compreensão pública da ciência.

Caldas (2011) chama a atenção de que cada modelo procura explicar as relações entre ciência e sociedade, embora partindo de abordagens diferentes e que, na prática, essas relações são estratégias de divulgação científica para a educação científica em geral. A produção de *podcasts* pelas universidades públicas tenta fazer essa ponte entre as instituições de pesquisa e a sociedade. Para os autores Almeida, Ramalho e Amorim (2020), a divulgação científica entra na pandemia com uma proposta:

Bem, ela se propõe justamente a construir pontes e diálogos entre ciência, saúde, mídia, cultura e sociedade. Faz parte do seu escopo articular esses setores, de diversas formas, recorrendo a variadas estratégias e contando com diferentes plataformas. Em momentos como este, de crise e tensão – mas também de fortalecimento de laços –, ela também é chamada a agir (ALMEIDA, RAMALHO E AMORIM, 2020)

Esta proposta, além de evidenciar o compromisso do diálogo entre a ciência e a sociedade, também “mostra um amadurecimento importante e recente da área, que ocupou historicamente um lugar secundário dentro das ciências exatas e naturais e vem se tornando cada vez mais independente, relevante e profissional”. Mas é fundamental enfatizar que a divulgação científica só se faz mais forte e dialógica quando está inserida no processo democrático, conforme artigo que destaca sua importância:

Contudo, a maior parte das razões para as quais cientistas e comunicadores consideram importante o trabalho de difusão do conhecimento científico é ligada ao bom funcionamento da democracia. Inúmeros debates politicamente, eticamente, economicamente relevantes são atravessados hoje por informações científicas e técnicas (CASTELFRANCHI, 2010).

E a grande mídia pode ser também uma aliada na divulgação científica.

4.2 O PAPEL DA GRANDE MÍDIA

O processo de democratização da ciência também passa pelo papel da mídia, como afirma Caldas (2011), “numa sociedade em rede, em que a informação circula em diferentes espaços virtuais ou presenciais, o papel da mídia no processo de democratização da ciência é essencial”.

E durante a pandemia as informações vieram da grande mídia, que trouxe a ciência para mais perto das pessoas, tornando corriqueiros termos antes restritos a círculos de especialistas. Isso se deveu à articulação entre a divulgação científica e a grande mídia.

Alertando que ainda seria cedo para tirar conclusões sobre os efeitos da pandemia de Covid-19, um artigo do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica publicado no *site* do Museu da Vida (COC/Fiocruz, 2020) chamava a atenção para a relação entre a divulgação científica e a pandemia e para o que estava ocorrendo já naquele abril de 2020, quase dois meses desde o seu início no Brasil. A publicação abordava o “esforço gigantesco”, com destaque no Brasil para as instituições de pesquisa e universidades públicas, que estava sendo feito em todo o mundo, voltado ao conhecimento do novo coronavírus, o SARS-CoV-2, e do volume de conhecimento que estava sendo compartilhado, quase que instantaneamente.

Os meios de comunicação – em especial a grande mídia (seja em TVs, jornais, revistas, rádios e veículos de internet) - saíram na frente na divulgação sobre a pandemia, inicialmente reproduzindo informações difundidas em grandes veículos no exterior. Além de informações técnicas sobre o SARS-CoV-2, o vírus causador da Covid-19, e aquelas divulgadas pela Organização Mundial de Saúde, como é o caso dessa matéria no portal G1:

Imagem 1 – Matéria do Portal G1

Da descoberta de uma nova doença até a pandemia: a evolução da Covid-19 registrada nos tuítes da OMS

Publicações da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam o avanço do número de casos da Covid-19 em três meses desde o surgimento do vírus.

Por Deslange Paiva, G1
03/04/2020 13h30 - Atualizado há um ano

Fonte: G1 (2020).

A seguir, o número de casos crescentes em todo o mundo fez com que a grande mídia brasileira também passasse a destacar isso em todo o país, além dos aspectos sociais e econômicos da pandemia. A situação da Itália e da Espanha – os primeiros grandes países a terem elevados números de internação e de óbitos, o que levou seus sistemas de saúde ao colapso – pôs em alerta a imprensa nacional, que passou a seguir os números do Ministério da Saúde.

Em junho de 2020, problemas apresentados na Plataforma e-SUS, do Ministério da Saúde, que contabiliza os dados da doença coletando as informações das secretarias estaduais de saúde, levaram à subnotificação de casos e óbitos. Além disso, o Ministério da Saúde decidiu alterar os horários para divulgação desses dados para a imprensa (inicialmente às 17 horas; depois, às 19 horas e, por fim, às 22 horas), inviabilizando a divulgação em veículos impressos e telejornais. Isto fez com que fosse formado o Consórcio de Veículos de Imprensa (CVI), com os portais G1 e Universo Online; e os jornais Extra, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo, com objetivo de coletar dados sobre a Covid-19 nas secretarias estaduais de Saúde, “e divulgar em conjunto, números sobre mortes e contaminados, em razão das limitações impostas pelo Ministério da Saúde” (G1, 2020).

Inicialmente, o destaque da imprensa internacional era o número de mortes por cada país e o crescimento acelerado de infectados em todo o mundo. Cenas de hospitais repletos, médicos exaustos, parentes em desespero eram exibidas em horário nobre, nas principais capas de jornais e nos *sites* de notícias. A grande mídia brasileira seguiu isso.

O impacto da pandemia gerou uma mobilização muito grande na imprensa, e com ela a necessidade de informar as populações sobre o que era SARS-CoV-2 ou coronavírus e quais as formas de prevenção à doença, além de destacar os números de mortes e infectados.

Pesquisadores e médicos brasileiros passaram a conceder entrevistas a grandes veículos de comunicação, diariamente, muitas vezes ao dia. Um desses exemplos é o da pneumologista e pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Margareth Dalcomo, que para muitos é considerada quase que “da família”, tal a frequência com que estava nos noticiários. Pela credibilidade que passava a todos, tornou-se uma referência sobre a Covid-19, tendo inclusive uma coluna no jornal de maior circulação no país, O Globo. Além dela, Diego Xavier, Christovam Barcellos,

Julio Croda, todos da Fiocruz, Átila Iamarino e outros tantos pesquisadores (sejam eles epidemiologistas, infectologistas, pneumologistas etc.) de várias instituições públicas estaduais ou federais passaram também a ser vistos com frequência na mídia.

Alguns desses pesquisadores passaram a fazer uso das mídias sociais (Twitter e YouTube, por exemplo), para ampliar seus canais de divulgação científica, como foi o caso de Átila Iamarino (@oatila), com mais de 1,2 milhão de seguidores, e, mais recentemente de Diego Xavier (@diegoricardox), um dos pesquisadores do MonitoraCovid-19 (do Instituto de Comunicação e Informação em Saúde – Icict, da Fiocruz), que, apesar de ter, desde 2009, seu perfil no Twitter, em 2020 viu o número de seguidores pular para mais de 700.

Essa aproximação dos pesquisadores com a grande mídia e as redes sociais fortaleceu a divulgação científica, assim como trouxe uma série de desafios comunicacionais. Ou melhor, podemos afirmar que, na pandemia de Covid-19, a pauta científica entrou definitivamente na grande mídia. Mas é preciso estar alerta porque numa pandemia ou numa epidemia essa aproximação também gera alguns efeitos adversos causados pelo excesso de informações ou a circulação de informações não verdadeiras, como veremos a seguir.

4.3 INFODEMIA E DESINFORMAÇÃO

A pandemia trouxe um grande problema para os governos no combate à Covid-19: o grande volume de informações sobre a doença que circulavam pelo mundo. Em março de 2020, Paul Slovic, professor da Universidade de Oregon, nos EUA, e “um dos maiores pesquisadores sobre percepção de risco, saúde e política no mundo, com mais de 40 anos de experiência na área” (CARMICHAEL, 2020), advertia:

O foco da cobertura (jornalística) está no fato de que as pessoas não podem se proteger com vacinas, e que a doença está se espalhando sem que a população possa se proteger. Tudo isso gera preocupação e é por isso que as pessoas estão com medo. (SLOVIC, 2020)

Para o pesquisador (2020), a divulgação de notícias falsas (*fake news*), a propagação de boatos pelas redes sociais (desinformação) e o clima de desconfiança, tanto em relação à mídia quanto aos governos, leva a outro extremo: “fica muito mais

difícil lidar com o risco. A destruição da verdade é algo terrível que está acontecendo atualmente”.

O alerta de Slovic vai ao encontro da percepção de especialistas da OMS em relação ao excesso de informações que circulam por conta da pandemia de Covid-19. Em material disponível no *site* da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), a definição utilizada pela OMS para infodemia é:

[...] um excesso de informações, algumas precisas e outras não, associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo, devido a um evento específico e tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa (OPAS, 2020).

A infodemia leva a rumores de desinformação, manipulação de informações com intenção duvidosa, que são ampliados quando caem nas redes sociais.

Para se ter uma ideia do volume de informações que circularam até junho de 2020, a OMS publicou o seguinte quadro:

Imagem 2 – Quadro de informações da OMS

361 milhões de vídeos foram carregados no YouTube nos últimos 30 dias com a classificação “COVID-19” e “COVID 19”, e cerca de **19.200 artigos** foram publicados no Google Scholar desde o início da pandemia. No mês de março, cerca de **550 milhões de tuítes** continham os termos **coronavirus, corona virus, covid19, covid-19, covid_19** ou **pandemic** [pandemia].

Fonte: OMS (2020).

O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom (2020), afirmava, então: “conforme a Covid-19 se espalha, um tsunami de desinformação, ódio, bodes expiatórios e propagação do medo foi desencadeado”. No caso da Covid-19, a descrença na gravidade da doença e na necessidade de interromper as cadeias de transmissão também fez com que mais pessoas fossem expostas ao vírus e sofressem com as complicações da doença.

Nos Estados Unidos da América e no Brasil, alimentada por questões políticas, a indústria das *fake news* e da desinformação ganhou espaço, agravada também pela

onda do conceito negacionista – pensamentos, ações e atitudes que negam fatos já estabelecidos por meio de convenções científicas e acadêmicas, devido a desconhecimento, crença religiosa ou política, desconfiança de governantes e do poder vigente. Além disso, as redes sociais foram e estão sendo as grandes impulsionadoras dessa indústria, seja por meio de grupos de WhatsApp (aplicativo de conversas para celulares) de familiares e amigos, seja via Facebook e YouTube, por exemplo.

Áudios e vídeos tomaram conta das redes sociais, levando à descrença na gravidade da Covid-19 e na necessidade de interromper suas cadeias de transmissão, como exposto por Machado e Gitahy (2020) em um artigo publicado na Revista Imprensa, de circulação entre jornalistas e alunos de comunicação. Nele, as pesquisadoras afirmavam que isto “também fez com que mais pessoas fossem expostas ao vírus e sofressem com as complicações da doença”.

Aspectos fantasiosos da doença, tratamentos erráticos, medicamentos sem nenhuma comprovação científica de eficácia, não uso de máscaras para a prevenção da Covid-19 foram alguns dos assuntos que mais estavam presentes nessas redes. Por outro lado, o negacionismo, amplificado por figuras públicas de poder, estimulava atos como invasão de hospitais e cemitérios, ataques a instituições de pesquisas, universidades públicas e pessoas que defendem o pensamento científico, oposição às vacinas, dentre outras ações.

Um estudo da plataforma digital AVAAZ (2020), informava que 73% dos brasileiros acreditavam mais nas informações falsas sobre o coronavírus que os italianos e os cidadãos dos EUA. Eles elaboraram um quadro com os resultados:

Imagem 3 – Principais Conclusões

Principais Conclusões

A Avaaz conduziu uma pesquisa no Brasil, na Itália e nos Estados Unidos, três países que estão sendo amplamente afetados pelo novo coronavírus, para entender a escala da crença na desinformação sobre o vírus. As principais conclusões foram:

- **Há uma verdadeira infodemia sobre o coronavírus no Brasil**
 - 94% dos brasileiros entrevistados viu, pelo menos, uma das notícias falsas sobre o coronavírus mostradas em nossa pesquisa.
 - Cerca de 8 em cada 10 viu até mesmo duas ou mais das notícias falsas, e quase 6 em cada 10 viu ao menos três -- com 6% dos brasileiros tendo visto todas as sete notícias falsas apresentadas no estudo.
- **Os internautas brasileiros acreditam mais nas informações falsas sobre o coronavírus que os italianos ou os estadunidenses**
 - 73% dos brasileiros entrevistados acredita que pelo menos um dos conteúdos com desinformação é verdadeiro ou provavelmente verdadeiro, seguido por 65% dos estadunidenses e 59% dos italianos.
 - 46% dos brasileiros entrevistados acredita que amigos e familiares foram vítimas de notícias falsas, seguido por 41% dos italianos e 26% dos estadunidenses.
- **O WhatsApp e o Facebook estão entre as três fontes mais citadas pelos brasileiros para todas as declarações falsas mostradas na pesquisa da Avaaz**
 - 59% viu ao menos um dos conteúdos desinformativos sobre o coronavírus no WhatsApp.
 - O WhatsApp também foi a fonte mais citada para 4 das 7 notícias falsas apresentadas aos entrevistados.
 - 55% viu ao menos um dos conteúdos desinformativos no Facebook.
- **Os brasileiros querem MUITO as correções**
 - 80% diz que gostaria de receber correções de verificadores de fatos quando forem expostos a notícias falsas. Entre aqueles que se informam sobre a pandemia principalmente através do Facebook, esse número é de 83%.

Fonte: Avaaz (2020).

As chamadas “teorias da conspiração” também foram correntes durante o período estudado e continuam sendo, como a que envolve Bill Gates, fundador da Microsoft. A “teoria”, segundo matéria da BBC Brasil (2020), afirma que “a pandemia do coronavírus é uma cobertura para um plano de implantar *microchips* rastreáveis em pessoas e que Gates está por trás de tudo”.

Não há nada que comprove essa teoria. Contudo, uma pesquisa feita pelo *site* americano YouGov America (2020), com 1.640 pessoas apontava que 28% dos habitantes dos EUA acreditavam que Gates queria usar vacinas para implantar microchips nas pessoas.

[...] narrativas que tentam explicar grandes acontecimentos a partir de planos secretos que seriam orquestrados por pessoas perversas e poderosas. Sabemos que a exposição excessiva a teorias da conspiração sobre vacinas, por exemplo, pode diminuir a intenção das pessoas de se vacinar e incentivar a busca por calendários alternativos de vacinação. Da mesma forma, coberturas jornalísticas malfeitas e motivadas pelo número de acessos (*clickbait*) estimulam falsas controvérsias. Reportagens aparentemente

“equilibradas” sobre vacinas, por exemplo, tendem a reduzir a percepção de segurança e a decisão de vacinar os filhos (MACHADO e GITAHY, 2020).

Para combater esse “tsunami”, a OMS realizou a 1ª Conferência Global de Infodemiologia (jun.-jul. 2020). Na Conferência, a comunicação foi considerada como um “instrumento de intervenção de saúde pública e também como um ponto de apoio para a construção da confiança do público e ajudar a combater à desinformação”. A propósito, ao final da Conferência, 132 estados-membros (dentre eles, os EUA) assinaram a declaração inter-regional em apoio à luta contra a infodemia, intitulada: “*Cross-Regional Statement on “Infodemic” in the Context of Covid-19*”. O Brasil não assinou e, em nossa pesquisa, não encontramos nenhuma citação do motivo ou o que embasou a decisão governamental de não assinar; tampouco conseguimos confirmar a presença brasileira no evento.

A pandemia mostrou que, para combater a desinformação, o melhor era ter informação de qualidade, produzida por quem entende. Assim, as instituições públicas de pesquisa ganham um espaço importante nesse combate.

4.4 O PAPEL DAS UNIVERSIDADES

As universidades brasileiras, em especial as públicas, têm um papel fundamental na produção científica brasileira. Segundo dados de uma pesquisa feita pela *Clarivate Analytics*, a pedido da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, e citada pelo presidente da Academia Brasileira de Ciências, Luiz Davidovich (2020), “o Brasil, no período de 2011-2016, publicou mais de 250.000 artigos na base de dados *Web of Science* em todas as áreas do conhecimento, correspondendo à 13ª posição na produção científica global (mais de 190 países)”. A frase, citada em um artigo no *site* da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), era uma resposta à afirmação do presidente da República, Sr. Jair Bolsonaro, dada em entrevista à Rádio Pan (2020), no dia 8 de abril, que afirmava: “[...] e nas universidades, você vai na questão da pesquisa, você não tem, poucas universidades têm pesquisa, e, dessas poucas, a grande parte tá na iniciativa privada, como a Mackenzie em São Paulo, quando trata do grafeno”.

Durante a pandemia, mesmo com a redução orçamentária, as universidades assumiram um lugar de destaque para orientar a população em relação à Covid-19 e não pararam totalmente com o *lockdown* decretado pelas autoridades sanitárias

municipais ou estaduais, em um momento tão crucial para a sociedade. Um desses exemplos foi o do curso de Especialização em Comunicação Pública da Ciência, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Amerek, que, contando com cientistas, jornalistas, divulgadores, alunos e professores do curso, segue produzindo informações com linguagem simples e clara, incluindo dicas práticas, veiculadas em diferentes formatos, nas redes Instagram, Facebook e Twitter².

Muitas instituições públicas federais decidiram utilizar-se de canais confiáveis para informar à população sobre os riscos da pandemia, sob todos os aspectos – desde saúde até orientações sobre questões econômicas durante e ós o período de isolamento, por exemplo. Para isso, lançaram mão da criação de *podcasts*, não só pelo seu custo bastante acessível (pode ser gravado e editado no celular), como pela facilidade de circulação entre as pessoas, podendo ser ouvido a qualquer momento e em qualquer lugar.

4.5 OS *PODCASTS*

A palavra *podcast* ganha referência mundial quando o dicionário New Oxford (2005) a escolhe como a “palavra do ano”, trazendo junto a sua definição: “uma gravação digital de uma transmissão de rádio ou programa similar, disponibilizada na Internet, por meio de download, para um reprodutor de áudio pessoal”.

A definição é antiga, mas mostrava a importância do *podcast*, a partir da inovação tecnológica trazida pela Apple, uma das maiores empresas que atuam no mercado de tecnologia, quando lançou em 2001, o primeiro *iPod*, uma linha de reprodutores de mídia e computadores portáteis – o *iPod Classic* -, que permitia ao usuário armazenar mil músicas, algo, então, inédito. Após quatro gerações (a última lançada em 2004), o produto já tinha vendido mais de 16 milhões de unidades, o que provocou uma revolução não só no mundo da música, mas também nos *blogs* e rádios.

Um detalhe que chama a atenção é que o termo *podcast* é a união de “*iPOD*” e a palavra inglesa *broadcast*, que significa transmissão.

Com o acesso à internet, a facilidade de acesso e armazenamento de áudios estimulou a produção dos *podcasts*, permitindo que qualquer pessoa pudesse se

² Carla Almeida, Marina Ramalho e Luís Amorim, pesquisadores do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica (NEDC), do Museu da Vida. - Publicado em 11/4/2020 – Museu da Vida

tornar autora, editora ou produtora de informações, como explicam Ilenia Picardi e Simona Regina (2008), pesquisadoras do curso de mestrado em Comunicação Científica, da *Scuola Internazionale Superiore di Stud Avanzati* (SISSA), de Trieste, na Itália.

Um *podcast* também é um novo método para produzir conteúdo de áudio. Econômico e simples de produzir, dá a qualquer um a chance de se tornarem autores, editores ou produtores de informações. *Podcasting* tornou-se assim um instrumento disponível para qualquer pessoa, proporcionando uma nova oportunidade de diálogo para uma grande comunidade de pessoas que se encontram na rede para compartilhar informações, ideias e impressões sobre o que acontece na sociedade (PICARDI E REGINA, 2008).

Neste momento, os *podcasts* surgiram como uma nova forma de mídia descentralizada, livre e independente, rompendo fronteiras de países e continentes, alcançando pessoas em todo o mundo, ao mesmo tempo em que capturava nichos de audiência que não estavam no radar da grande mídia.

Para a divulgação científica, os *podcasts* tornaram-se ferramentas de grande expansão do conhecimento, sendo utilizados não só por pesquisadores como também por instituições de pesquisa. Uma das mais antigas do mundo – *Scientific American*, fundada em 1845 -, entrou no mundo do *podcasting* em 2006, com seu programa semanal “*Science Talk*”. Em um evento global como a pandemia de Covid-19, com milhões de informações circulando, o uso de *podcasts* para a divulgação científica se mostra uma das melhores e mais eficientes armas de combate à doença.

A própria Fiocruz já havia lançado o *podcast* “Fiocruz no Ar” (2019/2020), que aborda o uso abusivo de antibióticos e seus efeitos no corpo humano e nos animais, em um projeto da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (Vpeic). Com o recrudescimento da pandemia e o aumento das *fake news*, vale destacar o esforço da Fundação Oswaldo Cruz em produzir material de áudio para combater a desinformação e orientar a população. Assim, em abril de 2020 foi lançada a campanha “Se liga no Corona!”, com “foco na prevenção ao novo Coronavírus (Covid-19) considerando as condições de vida e habitação de populações em situação de vulnerabilidade socioambiental, com foco em favelas e periferias urbanas” (Fiocruz, 2020). A iniciativa, que uniu várias instituições (Fundação Oswaldo Cruz, Conselho Comunitário de Manguinhos, Conselho Gestor Intersetorial (CGI-Teias Manguinhos), Comissão de Agentes Comunitários de Saúde de Manguinhos (Comacs), Redes da Maré, Frente de Mobilização da Maré, Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré

(Ceasm), Coletivo Favelas Contra o Coronavírus, Dicionário Carioca de Favelas Marielle Franco (Wikifavelas), Jornal Fala Manguinhos!, Jornal O Cidadão, Rede Emancipa de Educação Popular, Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do RJ (Sepe-RJ), Sindicato dos Trabalhadores da Fiocruz (Asfoc-SN) e Voz das Comunidades), é coordenada pela Cooperação Social da Fundação e produz diversos tipos de materiais, dentre eles radionovelas e *spots*, “todos disponíveis para *download* no Portal Fiocruz e nos *sítes* dos coletivos que participam”, informa o *site* da Fiocruz.

Outra iniciativa também da Fiocruz foi lançada no mês maio de 2020, desta vez por intermédio do Canal Saúde, da própria Fundação: o *podcast* “CoronaFatos”, que explica, de forma simples, as notícias veiculadas sobre a pandemia e “melhor contextualiza as *fake news* sobre o coronavírus” (Canal Saúde, 2020).

4.6 A PRODUÇÃO DE *PODCASTS* NAS UNIVERSIDADES

Em um estudo realizado por pesquisadores do Instituto Reuters e da Universidade de Oxford, sobre infodemia e acesso a notícias e informações acerca do novo o coronavírus, em oito países, um ano após a pandemia, foi destacado, dentre outros pontos que:

Embora importantes e amplamente utilizadas, as organizações de notícias na maioria dos países alcançam significativamente menos pessoas de 18 a 24 anos de idade e, na maioria dos países, alcançam significativamente menos pessoas com níveis baixos ou médios de educação do que aqueles com diploma universitário, destacando os desafios em torno da desigualdade de informação (NIELSEN, SCHULZ & FLETCHER, 2021).

O ano de 2020 marcou o momento crucial para a divulgação científica no mundo. Era necessário explicar às pessoas que havia uma pandemia (o que era isso?), que era causada por um vírus (mas vírus não é a mesma coisa que bactéria?) que atingia a todos indiscriminadamente (mas só para quem não é atleta, né?) e que alguns grupos de pessoas, aquelas com comorbidades (o que é isso?), corriam o risco de morrer. E como a pandemia afetava o dia a dia dessas pessoas.

De um lado havia o público, que não entendia muito bem o que estava acontecendo e que era permeável à desinformação e às *fake news*, buscando esclarecer vários aspectos da pandemia; e do outro estava a informação com respaldo

científico. Unir essas duas pontas foi a opção feita pelas universidades públicas, federais e estaduais.

Para isso, uma das ferramentas de grande apelo foram os *podcasts* – que têm a sua audiência medida pelos ouvintes que agrega e também por circularem nas redes sociais (em especial o WhatsApp), alcançando mais lugares e mais pessoas.

O Brasil chegou a 2019 como o segundo maior mercado consumidor de *podcasts* do mundo, segundo a *Podcast Stats Soundbite* (2019), com mais de 660 milhões de *downloads* em 2018, atrás apenas dos Estados Unidos. No artigo “Cartografia da produção de *podcasts* universitários no contexto da pandemia”, os autores Luãn Chagas, Izani Mustafá, Luana Viana e Bruno Balacó (2019), chamam a atenção para o papel do áudio e do rádio:

[...] [a primeira é o] acesso à informação em desertos e vazios noticiosos pelo país, no qual as universidades cumprem o papel de construir cenários informativos locais. A segunda é a formação e a contribuição do rádio universitário e das produções em áudio no período da pandemia. A terceira é a experimentação como característica do rádio universitário junto à inovação dos conteúdos e à democratização do acesso à comunicação (KISCHINHEVSKY, MUSTAFÁ, VALE, 2019).

O estudo da PodPesquisa (2018), da Associação Brasileira de *Podcaster* (ABPOD), mostra que os acessos preferenciais do ouvinte de *podcast* são: o celular/*smartphone* (92,1%), o computador (25,6%), o som do carro (16,5%) e outras formas (1,3%).

Em um trabalho apresentando durante o XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (2019), intitulado “Pesquisa exploratória de *podcasts* brasileiros voltados à Divulgação Científica”, os autores destacam que os números da PodPesquisa informam que 52,3% daqueles que responderam à pesquisa ouvem *podcasts* tendo a ciência como tema principal. Eles enfatizam em sua análise que

[...] o *podcasting*, assim, torna-se mais uma importante ferramenta para ampliar os públicos da Divulgação Científica (DC) e ajudar a resgatar a credibilidade da ciência em um cenário marcado pela ampla difusão de informações falsas, teorias da conspiração e pela tendência a privilegiar perspectivas políticas no lugar dos fatos. No caso brasileiro, há ainda a questão dos recentes cortes orçamentários para a pesquisa científica e uma ofensiva política que questiona a existência da universidade pública, fonte da maior parte da pesquisa produzida no país (INTERCOM, 20., 2019).

É bom destacar que muitas universidades públicas no Brasil dispõem de rádios universitárias (públicas, privadas ou confessionais), sendo chamadas de educativas ou comunitárias. Dados do estudo realizado sobre a cartografia em rádios universitárias brasileiras, no período de 1950-2016, revelam que:

O mapeamento preliminar aponta para a existência de 100 emissoras universitárias, pertencentes a 85 instituições de ensino superior. Destas, 73 estão em operação em canais AM e FM com transmissão replicada via internet, enquanto as demais 27 têm programação veiculada somente através da *web* (MUSTAFÁ; KISCHINHEVSKY, 2017).

Estando à frente na produção, reprodução e divulgação científica no país, as universidades e instituições públicas brasileiras (IVANISSEVICH, 2005), seria natural a elas lançarem-se na produção de *podcasts*.

Muitas universidades já tinham *podcasts* desenvolvidos para divulgação científica, como é o caso do “Fronteiras da Ciência”, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que existe desde 2008 e até julho de 2021 tinha 450 episódios de meia hora de duração cada. Outro *podcast* bastante conhecido é o “Rock com Ciência”, produzido desde 2010, pela Universidade Federal de Viçosa e que realiza “um bate-papo sobre ciência e derivados, ao som do mais puro *rock’n roll*” (conforme o *slogan* do primeiro episódio de setembro/2010). Não podemos deixar de citar o *podcast* produzido pela Universidade de São Paulo (USP) - “Alô, Ciência?”, que começou em 2016, onde são debatidos temas científicos e que traz também entrevistas com especialistas.

A facilidade para as universidades foi que o investimento financeiro era baixo (gravações feitas pelo celular, no estúdio de áudio e vídeo dos cursos de Comunicação ou feitas diretamente no computador de casa) e havia a vontade de alunos e professores de produzir algo durante a pandemia, que orientasse não só os trabalhadores e discentes das universidades, mas a população em geral, seja através de projetos de extensão, produções das emissoras universitárias ou apenas criando algo que ajudasse principalmente a reduzir a desinformação e as *fake news*.

Hospedados em plataformas digitais, como SoundCloud, Spotify, Deezer, Google Podcast, dentre outras, ou nos *sites* das universidades, os *podcasts* variavam de continuidade, mas mantinham o foco nas informações relevantes para a população.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Verificar a produção de *podcasts* pelas universidades públicas federais, desenvolvidos durante a pandemia, que tenham como tema a Covid-19 e subtemas correlatos, com foco na informação e orientação da população em relação à doença.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Obter informações sobre os *podcasts* produzidos pelas universidades, usando a busca nos *sites* das instituições e informações colhidas na internet ou em outras mídias, listando-os;
- b) Selecionar o material por regiões e estados; levantando também os principais subtemas abordados; as plataformas de áudio mais usadas; os formatos mais utilizados; o perfil dos entrevistados e a que público se destina. Também será considerado o tempo médio dos episódios e a periodicidade da publicação.

6 METODOLOGIA

Estudo quali-quantitativo e exploratório de todos os *podcasts* que tenham sido produzidos em 29 universidades públicas federais do país, de março a setembro de 2020, que abordem – específica ou principalmente – o tema “pandemia/Covid-19”, levando em consideração que essa comunicação pública tivesse o cunho de fornecer informações que pudessem ajudar a população a prevenir-se e a lidar com a pandemia; que o material esteja disponível nos *sites* das instituições e/ou em plataformas *on-line* abertas de áudio e com a continuidade mínima de dois episódios, além de falar de assuntos que estivessem sofrendo impacto durante a pandemia.

Voltamos a ressaltar que a escolha das instituições públicas federais recaiu nas universidades públicas federais por terem elas o perfil de atuação – com suas pesquisas técnico-científicas – próximo à Fiocruz, enquanto um serviço público.

Devido ao grande número de universidades públicas federais (69), decidimos fazer um recorte considerando que:

- a) as universidades, prioritariamente, estejam na capital dos estados. Assim, foram selecionadas 29 universidades (incluindo a do Distrito Federal); e
- b) Cada universidade tenha, pelo menos, dois *podcasts* ou uma série de *podcasts* sobre Covid-19.

Foram analisados o formato dos *podcasts*, subtemas abordados, plataformas de divulgação, quantidade de episódios e tempo de duração de cada um, personagens envolvidos/entrevistados, órgão responsável pela veiculação (administração geral, laboratório, curso ou departamento, por exemplo) e a que público se destina (exclusivamente ao público interno; público externo, profissionais de saúde; dentre outros).

O primeiro levantamento feito, usando o mecanismo de busca Google, foi o de todas as universidades públicas federais (69) e, a seguir, a pesquisa em cada *site* dessas universidades, buscando por meio de palavras-chave como “*podcast*”, “Covid-19” e “pandemia” notícias ou arquivos de áudio que tratassem do tema. Foram descartados áudios com reuniões administrativas ou comunicados institucionais.

Essa pesquisa inicial mostrou que praticamente todas as universidades públicas federais desenvolveram algum material para a prevenção à Covid-19, em

especial aquelas localizadas fora da capital (40, ao todo), muitas vezes em cidades de médio porte, visando ampliar a divulgação de informações sobre a pandemia.

Ressaltamos que o fato de não incluirmos as universidades públicas federais que não estavam nas capitais não quer dizer que não houvesse uma produção significativa nelas, pelo contrário. Mas temos consciência que, em um outro estudo, podemos levantar, dentre outros pontos, o trabalho desenvolvido por elas (se apenas refletem a divulgação científica feita nas sedes ou se inovam, por exemplo; assim como a proximidade delas com as rádios comunitárias e como a divulgação científica é acolhida pelas populações do interior).

Em vários casos, encontramos referência à hospedagem dos *podcasts* em plataformas de *streaming* (que fazem a transmissão instantânea de conteúdo digital), especialmente Spotify e Google Podcast, além de outras que surgiram durante a pesquisa, como SoundCloud e Deezer. Abriu-se, assim, outro campo de pesquisa.

Por conta do volume de trabalho gerado e do prazo para conclusão do estudo, fizemos a redução do material levantado para as universidades federais das capitais, por região, assim delimitado: Distrito Federal (1), Centro-Oeste (3), Nordeste (9), Norte (7), Sudeste (5) e Sul (4), num total de 29 universidades públicas federais. Estão distribuídas da seguinte forma:

- a) Região Centro-Oeste: foram pesquisados os três estados e o Distrito Federal e os três estados: Goiás (GO), Mato Grosso (MG) e Mato Grosso do Sul (MS), além Brasília (DF). Das oito universidades públicas federais na região, foram consideradas quatro: Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Universidade de Brasília (UnB);
- b) Região Nordeste: foram pesquisados os nove estados: Alagoas (AL), Bahia (BA), Ceará (CE), Maranhão (MA), Paraíba (PB), Pernambuco (PE), Piauí (PI), Rio Grande do Norte (RN) e Sergipe (SE). Das treze universidades públicas federais na região, foram consideradas oito: Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade Federal do Ceará (UFCE); Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade

Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Federal de Sergipe (UFS);

- c) Região Norte: foram pesquisados os sete estados: Acre (AC), Amapá (AP), Amazonas (AM) Pará (PA), Rondônia (RO), Roraima (RR) e Tocantins (TO). Das oito universidades federais da região, apenas as três que não estão nas capitais não foram consideradas. Não encontramos nenhum *podcast* que atendesse o propósito desse trabalho nas Universidades Federais de Rondônia (UNIR) e Roraima (UFRR);
- d) Região Sudeste: Espírito Santo (ES), Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP) foram os estados pesquisados. É a região que concentra o maior número de universidades públicas federais, 19 ao todo (Minas Gerais tem 11 instituições). Foram contabilizadas, para efeito desta pesquisa, as cinco seguintes universidades, sediadas na capital dos estados: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP);
- e) Região Sul: das 13 universidades federais que existem na região, foram consideradas as quatro que estão sediadas nas capitais: Universidade Federal do Paraná (PR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

O estudo poderá resultar também em uma análise qualitativa em relação ao que foi produzido pelas instituições, conforme o material levantado.

Usamos como base a busca dos termos: Sigla da universidade; *Podcast*; Covid; pandemia, com conectivos como o sinal de mais (+) ou a letra “e” entre essas palavras na plataforma de busca *Google*, nos *sites* das universidades, nas plataformas digitais de áudio *Spotify* (a mais famosa) e SoundCloud (uma das mais antigas). O que não elimina a possibilidade de erros e de achar integralmente todos os *podcasts* das universidades, pois é possível que na descrição dos áudios não haja referência ao nome da universidade ou à sua sigla, mas apenas sejam citados nomes de departamentos ou cursos, ou do projeto, por exemplo.

Achamos matérias em *sites* que faziam referências a diversos *podcasts*, mas sem um *link* de onde estavam - seja um *site* ou uma plataforma de áudio -, e não podemos afirmar se de fato foram lançados ou se apenas circularam em grupos de *WhatsApp* e, neste caso, até pela difusão do envio, não conseguimos localizar. Também não foram considerados os *podcasts* produzidos nas unidades regionais das universidades, levando em consideração apenas as produções que foram feitas nas capitais dos estados onde as universidades têm sede.

Nossa análise traz uma parte do que foi feito entre os meses de março a setembro de 2020. Para facilitar, separamos por regiões para termos um panorama nacional do que estava e está sendo feito.

É relevante destacar o quanto as universidades públicas federais se preocuparam em trazer temas inéditos ou assuntos que pudessem cativar o ouvinte. O levantamento completo pode ser lido na planilha intitulada “ANEXO 1 – DETALHAMENTO DOS *PODCASTS* ANALISADOS POR REGIÃO, ESTADO E UNIVERSIDADE”, que está anexada a esse trabalho.

Para melhor entender a coleta, usamos os campos de Nome da Universidade; sigla; nome do projeto; descrição resumida (seja por pela página institucional ou alguma notícia publicada no *site* da instituição), que classificamos como informações gerais dos projetos.

Detalhamos também questões como:

- a) periodicidade – se diário; semanal; quinzenal, mensal ou indefinido – quando não era possível identificar o início e/ou fim do projeto;
- b) número de episódios total – até a última data que constasse em *sites* ou nas plataformas de áudio, quando foi feita a pesquisa;
- c) período analisado – dentro dos meses em que propomos a pesquisa (março a setembro/2020), levantamos quando havia *podcasts* sobre o tema dentro deste período;
- d) número de episódios analisados dentro do período estipulado;
- e) tempo médio de duração dos episódios (em minutos);
- f) formatos – modelos de *podcast*. Apesar de existirem de três a oito modelos (ou gêneros ou tipos) diferentes, basicamente temos três formatos: de entretenimento (*storytelling* e bate-papo); informativo (pode ser um noticiário - com notas curtas a notícias mais elaboradas - ou uma mesa redonda – com

duas ou três pessoas debatendo um assunto – ou entrevistas); e educacional (ou de formação). Optamos por uma divisão mais simples, para deixar mais claro ao leitor, usando os seguintes tipos: informativo, informativo institucional, mesa redonda, *storytelling*, entrevistas, reportagem, educacional e bate papo;

- g) subtemas abordados em relação à pandemia e à Covid-19 – Levamos em consideração os temas que eram mais discutidos pela sociedade e pela academia. Assim, nesta categoria incluímos: Informações Institucionais voltadas à pandemia; SUS/Políticas Públicas; Prevenção/Cuidados (uso de máscara, álcool em gel, higienização, etc.; comorbidades)/Tratamentos /Diagnósticos; Automedicação e seus riscos (ivermectina; cloroquina; hidroxicloroquina etc.); Saúde Mental; Quarentena/*Lockdown* (isolamento social)/Distanciamento Social; Perdas & Luto; *Fake News* /Desinformação/Negacionismo/Mídias Sociais; Grande Mídia (cobertura, trabalho dos jornalistas); Direitos Humanos (população carcerária, em situação de rua, periferias etc.); Povos Originários (indígenas); Povos e Comunidades Tradicionais - PCT (quilombolas, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, comunidades de fundo de pasto, catadoras de mangaba, faxinalenses, pescadores artesanais, marisqueiras, ribeirinhos, varjeiros, caiçaras, povos de terreiro, praieiros, etc.); Sociedade (idosos, gestantes, crianças, adolescentes etc.); Violências Domésticas (contra mulheres e crianças), Economia, Trabalhadores (essenciais; em *home office*; autônomos)/desempregados; pesquisas científicas; educação na pandemia; perspectivas pós-pandemia; meio ambiente; tecnologias/novos medicamentos e equipamentos vacinas; *Pets* (animais domésticos) e Diversos;
- h) entrevistados – que convenciamos selecionar como: pesquisadores de bancada (da própria universidade ou de outras instituições de pesquisa); populares (cidadãos); gestores da instituição pública; especialistas (profissionais não acadêmicos ou liberais, por exemplo); povos de comunidades tradicionais (PCT); povos originários; e outros que não se enquadrem nessas categorias;
- i) plataformas utilizadas para divulgação dos *podcasts*;

- j) público a quem se destinam os *podcasts* – distribuídos em população em geral; comunidade acadêmica (docentes e alunos); comunidade institucional (servidores e trabalhadores terceirizados; usuários etc.); e o público específico, por exemplo: pescadores artesanais;
- k) e, por fim, observações gerais sobre o material coletado, que achamos pertinente incluir.

Após o levantamento inicial, passamos para a análise dos dados, com a organização das informações por região, estado e universidade.

7 MAPEAMENTO E DISCUSSÕES

Primeiramente, é necessário esclarecer que esse levantamento não tem a pretensão de esgotar o assunto. Queremos abordar aspectos que podem subsidiar novos estudos, mapeando e nos aproximando do tema. A produção de *podcasts* nas universidades federais públicas é bastante grande e diversa. Com a pandemia, ela aumentou consideravelmente.

Ao todo, foram listados 64 *podcasts*, incluindo oito que estavam fora do período definido no escopo, seja pela importância dos temas abordados, seja pelo público-alvo do trabalho, e foram analisados 1.200 episódios (exemplos no ANEXO 2 - EXEMPLOS DE EPISÓDIOS DE *PODCASTS* ANALISADOS POR REGIÃO).

7.1 REGIÃO CENTRO-OESTE

Centro-Oeste: 8 *podcasts* – UFG: 2; UFMS: 1; UFMT: 1 e UnB: 4

Todas as universidades federais das capitais da Região Centro-Oeste tinham produções de *podcasts*. Os principais formatos adotados foram os informativos e as entrevistas, com, respectivamente, 16 e 21 ocorrências. Os entrevistados eram, em sua grande maioria, pesquisadores de bancada e o Spotify foi a plataforma mais utilizada, com 7 ocorrências, seguida do Google Podcast (4), do Anchor e do Deezer (3 cada uma). O único *podcast* que tem apenas uma plataforma de uso, no caso o SoundCloud, é o “Residência Veterinária UFMS”. Os demais mesclam as plataformas e também fazem uso dos *sites* institucionais ou *sites* privados e do Instagram para divulgação dos *podcasts*.

Dos 199 episódios analisados (distribuídos por oito *podcasts*) dessa região, o tempo total é de 73 horas dedicadas a informações sobre a Covid-19 e temas correlatos. Os programas variam na média de 30 minutos por episódio, o que reforça o uso de entrevistas e um modelo informativo de *podcast*.

A maioria sendo lançada semanalmente (5 ocorrências), os *podcasts* das universidades da região dirigem-se a um público específico (4) ou à comunidade acadêmica (3).

Os principais subtemas abordados foram prevenção e cuidados, além das questões relativas à quarentena, ao *lockdown* e ao distanciamento social, que contemplam o total de oito ocorrências dos assuntos tratados nos *podcasts*. Outros

subtemas destacados foram a situação dos trabalhadores e as pesquisas científicas, com três ocorrências cada.

Outros subtemas como SUS/políticas públicas; *fake news* e desinformação; o trabalho da grande mídia; questões relativas aos direitos humanos, indígenas e PCTs, violências domésticas; economia; educação na pandemia; perspectivas pós-pandemia e meio ambiente não foram incluídos no período estudado e não apareceram no levantamento.

7.2 REGIÃO NORDESTE

Nordeste: 25 *podcasts* (+3*) - UFAL: 2; UFBA: 2 (+1*); UFC: 3; UFMA: 3; UFPB: 2; UFPE: 8; UFPI: 1; UFRN: 3 e UFS: 1 (+2*)

(*) No caso da UFBA, apesar de estar fora do escopo desta pesquisa, um trabalho final (PODsair, com seis episódios) realizado por uma aluna da Faculdade de Jornalismo chamou a atenção pela qualidade do conteúdo. Infelizmente, não teve continuidade, mas ao abordar a pandemia sob a ótica do isolamento produziu pautas importantes, com novos pontos de vista, inclusive de crianças.

No caso da Universidade Federal de Sergipe, os dois *podcasts* encontrados estão fora do período estipulado para estudo, mas a relevância do conteúdo de ambos – Alô, Comunidade! e SE é Ciência – nos fizeram incluí-los para efeito de pesquisa.

Com uma alta produção de *podcasts*, a Região Nordeste acabou sendo onde colhemos mais material para estudos. *Fake News/Desinformação* (9), Saúde mental (8) e Quarentena/Isolamento social/Distanciamento social (8), foram os temas que mais preocuparam os pesquisadores, comunicadores e alunos das universidades públicas envolvidos na produção dos *podcasts*. Prevenção e Cuidados (6) e SUS/Políticas Públicas (5), também foram temas bastante abordados. Diferentemente, da Região Centro-Oeste.

Com o maior número de *podcasts* (28) analisados dentro de uma região (ao todo, 461 episódios), as universidades do Nordeste dedicaram 188 horas ao tema, onde as entrevistas se destacaram.

Pesquisadores de bancada (22) e especialistas (7) foram os mais buscados para entrevistas. Nota-se que há uma tendência regional, puxada pela UFPE, de dar espaço a profissionais nos episódios. De longe, Entrevistas (12) foi o formato com maior destaque na região, seguido por Informativo (5) e Mesa Redonda (4).

O Nordeste também se destaca pelas produções voltadas para o público em geral (19), sendo o maior índice entre todas as regiões. Nos formatos de divulgação do material, a região também lidera com o uso de rádios FM universitárias ou rádios *web* (11), e também com outras plataformas de divulgação como o Spotify (23), os *sites* institucionais (11) e o YouTube (9), mostrando a força da comunicação institucional local. A periodicidade preferida na região também é a semanal.

7.3 REGIÃO NORTE

Norte: 4 *podcasts* (+3*) - UFAC: 0 (+1*); UNIFAP: 1; UFAM: 1 (+1*); UFPA: 0 (+1*); UNIR: 0; UFRR: 0; e UFT: 2

(*) Em relação à UFAC, o curso de Psicologia criou a série de *podcasts* “Elas com Elas”, com discussões sobre a violência contra a mulher, sob a ótica da saúde mental e cuidados psicológicos de mulheres em situação de violência durante o isolamento social na pandemia de Covid-19. Eles disponibilizaram os áudios no Google Drive. Tivemos acesso a oito deles, cuja publicação parece estar fora do período de análise do estudo. Os *podcasts* foram convertidos para o YouTube, como vídeos (com imagens fixas).

A Universidade Federal do Amazonas tem um *podcast* – Povos Indígenas do Amazonas contra a pandemia de Covid-19 –, uma série com cinco episódios, mais um com a apresentação do projeto, que entrou no ar em janeiro de 2021. Pela iniciativa importante, destacamos na relação de *podcasts*.

A Universidade Federal do Pará, assim como a UFAL, UFMG e UFRJ, dentre outras, integra o projeto “Covid: Eu informo”, uma iniciativa da Agência Lupa, financiada pelo *Google*, que conta com o apoio de mais de 20 rádios comunitárias e universitárias em todo o Brasil. Por não ter sido produzido pela própria Universidade, e sim estar apenas sendo reproduzido, não consideramos para efeitos de contagem, embora seja reproduzido na Rádio *Web* UFPA (está citado na planilha do Anexo 1).

Nas universidades federais de Rondônia e Roraima, não conseguimos encontrar, em nossa pesquisa, nenhum *podcast*, o que – admitimos – nos surpreendeu, pois acreditamos que devam existir.

As plataformas preferidas na região são o Spotify (9), seguida do *site* institucional das universidades (6) e das rádios *web* universitárias (3). A UNIFAP é a

instituição que mais faz uso das plataformas digitais na região (6 ocorrências), seguida de perto pela UFT (5 ocorrências).

Os dois formatos de *podcast* mais utilizados na região são o Informativo e Entrevistas, este último feito prioritariamente com pesquisadores de bancada, seguidos de gestores. Há uma preferência entre veiculação diária e semanal na periodicidade, com os temas mais abordados sendo Prevenção e Cuidados (uso de máscara, álcool em gel, higienização etc.), além de Tecnologias/Novos medicamentos e equipamentos/Vacinas, seguidos de SUS/Políticas públicas. Na Região Norte, a “População em geral” é o principal alvo das informações veiculadas nos *podcasts* (4).

Em termos de tempo de duração dos episódios, a região apresenta uma média de sete minutos por episódio em cada *podcast*, caracterizando um objetivo mais informativo. É a menor média de tempo por episódio de todas as regiões.

Outro dado da análise da região é que só encontramos um *podcast* – “Povos Indígenas do Amazonas contra a pandemia de Covid-19” – que tenha entrevistado indígenas e os tenha como tema principal do áudio. Não por acaso, eles abordaram questões como Prevenção e Cuidados e Tecnologias, novos medicamentos e equipamentos, e vacinas.

7.4 REGIÃO SUDESTE

Sudeste: 8 *podcasts* (+2*) - UFES: 1; UFMG: 3; UFRJ: 3; UNIRIO: 0 (+1*) e UNIFESP: 1 (+1*)

Foi incluído aqui o único *podcast* encontrado da UNIFESP, feito por alunos do Centro Acadêmico de Antropologia e Arqueologia Forense, embora tenha sido veiculado em outubro/2020, fora do período estipulado para este trabalho.

A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) tem um *podcast* produzido pelo Núcleo de Imagem e Som (NIS)/UniRio – Ouvi Falar – produzido em parceria com a Empresa Municipal de Mídias (MultiRio). Para o período analisado, consideramos importante destacá-lo aqui, apesar de só um dos episódios da segunda temporada da série, que enfoca “Nutrição em fatos e afetos”, se encaixar com o tema desse trabalho. O trabalho está disponível no *site* do MultiRio e nas plataformas Spotify, Deezer e Google Podcast. A temporada é composta de seis episódios, que foram lançados até 02/10/2020. Outro destaque é o *podcast* 1049 – CAAF/Unifesp,

feito por alunos e que fala sobre lutas sociais, direitos humanos e ciências forenses, com pautas interessantes, embora esteja fora do período analisado.

Assim como a Região Nordeste, o Sudeste apresentou como principais temas abordados em seus *podcasts* a Saúde Mental e a situação dos trabalhadores. Outro tema também em destaque é Perdas e Lutos, seguido das questões inerentes à prevenção, cuidados, tratamentos e diagnósticos.

Apenas um *podcast* era voltado para a comunidade institucional – Nas Ondas do DAST – por sinal, o único no formato de *storytelling* de todas as regiões. Um áudio drama, com humor, para orientar os trabalhadores da UFMG sobre questões de prevenção, higiene, saúde mental etc.

Mesa redonda (3) e Entrevistas (3) são os formatos mais utilizados. As periodicidades semanal (4) e quinzenal (3) são as mais presentes. Os públicos a que se destinam são basicamente a comunidade acadêmica e a população em geral. Chama a atenção a preferência regional por pesquisadores de bancada como entrevistados (8), em detrimento das outras categorias de entrevistados, que também é uma característica da Região Sul.

Spotify (9), *sites* institucionais/outros *sites* (6) e Google Podcast (5) são as plataformas mais utilizadas. As mídias sociais (Facebook, Instagram, Tweeter, YouTube) que aparecem com um bom destaque na Região Nordeste, são muito pouco usadas no Sudeste para divulgação dos *podcasts*.

Dos 87 episódios analisados, dentro do universo de 10 *podcasts* selecionados, temos um tempo total de 323 minutos (ou 34 horas) de duração de informações sobre Covid-19 e seus subtemas, reforçando aqui o peso das mesas redondas e entrevistas nos *podcasts* analisados, por demandarem mais tempo de duração.

7.5 REGIÃO SUL

Sul: 9 *podcasts* - UFPR: 2; UFSC: 4; UFRGS: 2; UFCSPA: 1

O público-alvo da Região Sul é a população em geral - dos nove *podcasts* analisados, seis apostam nesta categoria. Direitos humanos (população carcerária, em situação de rua, periferias etc.) é um dos temas mais debatidos. Não é à toa que há um *podcast* voltado para o tema, o “Legítima Defesa Especial - Covid nas prisões”, em formato de reportagem, da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Além desse tema, Saúde mental e Sociedade (idosos, gestantes,

crianças, adolescentes etc.) também se destacam. A região mantém a preferência por ouvir, basicamente, pesquisadores de bancada. As plataformas de áudio mais utilizadas são Spotify (8) e SoundCloud (4), mas há também o uso frequente do Facebook, Instagram e YouTube (4 ocorrências cada um).

Mesa redonda (4), seguida de Informativo (3) são os formatos mais utilizados para *podcast* e a periodicidade varia entre semanal e mensal (3 para cada um). Somando todos os *podcasts* analisados na região (9), temos 374 episódios, com uma total de 62 horas de produção, reforçando a importância das mesas redondas e do gênero Informativo de *podcast*, com informação mais detalhada.

Os dados nos mostraram que os *podcasts* já fazem parte da comunicação dos institutos de pesquisa federais e que há um caminho aberto para produções mais elaboradas e com diversos temas. Porém, outras reflexões precisam ser mais debatidas a partir das conclusões que achamos, até para não repetirmos erros que nos levem a não privilegiar uma divulgação científica mais dialógica.

8 CONCLUSÕES

Foram 1.200 episódios, com 366 horas de duração total, selecionados e ouvidos para este trabalho, que abriram um panorama bastante amplo do uso de *podcast* como uma ferramenta de divulgação científica à disposição das instituições e que merece ser mais bem explorada, com cada região mantendo características únicas no aproveitamento desse recurso.

Apesar da Região Sul ainda manter um dos primeiros *podcasts* do país – Fronteiras da Ciência (desde 2010), da UFRGS -, é a Região Nordeste que avança na produção desses áudios, com uma estrutura que concilia não só as plataformas digitais como também rádios universitárias e outros modelos de mídias sociais.

Há uma dependência das plataformas de áudios estrangeiras como Spotify - líder incontestado em todas as regiões (52 referências, ou 22%) -, que, somada às outras plataformas (Deezer, SoundCloud, Google Podcast, Apple Podcast etc., com 78 referências), representa um desafio para as instituições. Em sua maioria são gratuitas atualmente - caso elas decidam cobrar pela hospedagem dos áudios, haverá dinheiro para pagá-las? E existe a questão dos direitos autorais sobre os nomes dos *podcasts* – as plataformas, regidas por leis internacionais, podem tirar do ar a qualquer momento esse acervo, sob alegação de que o uso de determinado título é propriedade de outra pessoa. Como contornar essa situação? E se, por um motivo ou outro, as plataformas de áudio decidirem retirar do ar os *podcasts*?

Talvez a criação de uma plataforma institucional de áudios como a Lúmina, da UFRGS, que hospeda o *podcast* Fronteiras da Ciência e tantos outros produzidos pela Universidade, ou a Comunicast, da Universidade Federal de Mato Grosso, seja uma solução para evitar as mudanças nas políticas de direito de uso das plataformas de áudio privadas.

E por falar em tecnologia, as mídias sociais seguem firmes como sendo um canal de alcance junto à população – Instagram e YouTube (6% cada um) e Facebook (5%) são os mais utilizados em todas as regiões. Por fora, ainda de forma incipiente, estão chegando aos poucos os aplicativos para celular. Por enquanto, apenas a Universidade Federal de Alagoas registrou o uso de aplicativos para divulgação de *podcasts*, a partir de sua rádio *web*. Aliás, é interessante como as rádios universitárias (AM ou FM), que, por definição, são educativas, têm um papel relevante no crescimento de *podcasts* produzidos pelas instituições de pesquisa. Com 9% (FM) e

3% (AM), seu uso tem um peso considerável no Nordeste e no Norte, até pelas próprias características das regiões, onde o rádio tem um predomínio ainda bastante alto.

Em nosso levantamento, detectamos que em todas as regiões há a presença de rádios universitárias e, por conseguinte, a reprodução de muitos *podcasts*. A maioria delas é de rádios FM - Rádio Universitária FM 107,9 – UFC; Rádio Universitária FM 99,9 – UFPE; Rádio Universidade FM 106,9 – UFMA; Rádio Universitária FM 96,9 – UNIFAP; Rádio UFT FM 96,9 – UFT; Rádio Universitária UFES FM 104.7 - UFES; Rádio UFMG Educativa FM 104,5 - UFMG; Rádio UFRJ (rádio *web*) – UFRJ; e a Rádio Unifesp *Web*, mais conhecida como Rádio Silva – UNIFESP (da Baixada Santista).

Outra vantagem é que, ao mesmo tempo em que programas de rádios são “convertidos” para o formato de *podcast*, também estes podem ser “convertidos” em programas de rádio, ajudando a formar a programação de muitas rádios universitárias no Brasil. Rádio Frei Caneca AM 820 KHz e a Rádio Universitária FM 99,9 MHz, da Universidade Federal de Pernambuco, são dois exemplos disso. Programas como o “Saúde é o Tema” ou “Momento Saúde” transitam livremente entre os dois espaços – as plataformas digitais e as ondas de rádio - sem prejuízo de qualidade. Isso garante maior visibilidade e abre um espaço interessante para a divulgação científica por meio de *podcasts*, pois muitas dessas rádios distribuem material sonoro para rádios do interior e para rádios comunitárias das periferias. Portanto, novos públicos fora da bolha da internet.

A ponte entre os *podcasts* produzidos e as rádios universitárias passa essencialmente pela comunicação institucional, responsável pelos veículos de comunicação das instituições. O fato de um *podcast* estar hospedado no *site* das universidades ou ter a veiculação do projeto noticiada na página oficial dá mais credibilidade ao trabalho feito. Não é por acaso que os *sites* institucionais e os demais *sites* são a segunda opção em divulgação (10%) dos *podcasts*, logo atrás do Spotify; sendo as regiões Nordeste (11 ocorrências), Norte (4) e Sudeste (6) as que mais utilizam esta plataforma. Na Região Centro Oeste, apenas a UFG a utiliza, e na Região Sul não foi detectado uso dessa plataforma.

Visualizando em nível de Brasil, Entrevistas (21), Informativos (12) e Mesas redondas (12) ainda são os formatos mais utilizados de *podcast*, que acabam inclusive reforçando o fato de serem os pesquisadores de bancadas os mais entrevistados

(53%), o que é um perfil de todas as regiões. Especialistas (profissionais atuantes, não ligados à academia) estão começando a ser ouvidos, especialmente na Região Nordeste. É baixa ainda a participação de indígenas e demais povos de comunidades tradicionais (PCT). Apenas nas regiões Norte e Nordeste é que foram registrados exemplos e com apenas um caso em cada. Inclusive, na Região Centro-Oeste, onde há tribos indígenas e PCT, não houve uma referência sequer.

A tentativa de ampliar o perfil de entrevistados, saindo do lugar comum de pesquisadores das próprias universidades ou pesquisadores convidados de outras instituições de pesquisa, ainda é tímida. A maior parte dos *podcasts* dá um grande destaque aos pesquisadores e seus saberes técnicos e suas experiências culturais, enfatizando o modelo contextual ou o modelo de déficit de divulgação da ciência (53% dos entrevistados), mesmo com 48% dos *podcasts* sendo dirigidos ao público em geral. Vale lembrar que 38% dos *podcasts* foram dirigidos à comunidade acadêmica (28%) e à institucional (10%),

A programação de *podcasts* para públicos específicos é de 14%. Embora pequena, aponta indícios de que há um movimento das universidades públicas em fazer uma divulgação científica voltada à diversidade de públicos que há no país.

Não podemos afirmar que haja algum movimento de uma comunicação mais dialógica, neste primeiro momento da pandemia, até porque a participação de pesquisadores ou especialistas dos povos originários e das comunidades tradicionais ainda é bem reduzida (atinge apenas 2% do total de entrevistados). Porém, percebemos uma ligeira abertura com programas voltados, por exemplo, às comunidades carcerária, de pesca artesanal e indígena (vide os *podcasts* Legítima Defesa Especial - Covid nas prisões (UFCSPA), “Povos Indígenas do Amazonas contra a pandemia de Covid-19” (UFAM) e “Vozes da Pesca Artesanal (UFPE)).

Ao verificar a periodicidade da produção das instituições de pesquisa por regiões, observamos que há uma predominância nacional de veiculação semanal (60% das ocorrências). Contudo, há produções que extrapolavam o período determinado, conforme aumentava o número de episódios. Há casos de publicações mensais, que em um mês lançavam dois episódios; ou semanais, que mantinham intervalos até maiores do que uma semana. Em geral, isto ocorria em relação aos formatos de Entrevista e Mesa Redonda, que dependem de agendamentos prévios dos participantes e entrevistados.

As plataformas de áudio têm inúmeros “museus de grandes novidades” de *podcasts* que começaram e pararam. As iniciativas mais longevas apontam que quando a universidade como um todo entra no projeto, e não um ou outro departamento isoladamente, sem falar da própria comunicação institucional, ela acaba dando mais credibilidade e força às rádios universitárias e, por conseguinte, à produção de *podcasts*. Ou seja, quando há uma política institucional de comunicação bastante consolidada, integrada, e que se irradia por todos os departamentos e cursos, é mais fácil fazer com que os *podcasts* produzidos pela iniciativa de departamentos ou cursos de graduação e pós não fiquem isolados em alguma plataforma de áudio. Encontramos iniciativas que sequer tinham em seu resumo de apresentação o nome da universidade da qual eram originários, dificultando a busca e a identificação do produto sonoro. Prejudicando, entre outros aspectos, por exemplo, a indexação em repositórios institucionais, em plataformas de educação, em projetos de campus virtuais.

É preciso um canal, ou vários (vide as plataformas de áudio), para escoar a produção de *podcasts* universitários. Mas também é necessária a divulgação de cada episódio de *podcast*, para além da produção em si desses materiais sonoros, uma estrutura de divulgação mesmo. Não basta apenas colocar nas plataformas ou fazer com que o material seja incluso na programação da rádio. É fundamental ter uma divulgação para o público-alvo desse trabalho, enviando-o para as rádios comunitárias ou pequenas rádios locais e do interior; fazendo parcerias com organizações da sociedade civil para ampliar o público ouvinte da divulgação científica. Ou seja, ter uma estrutura de comunicação voltada a essa divulgação, o que implica também em ter uma linguagem acessível a esse público, nada do falar difícil e fechado que cerca o ambiente acadêmico. Encontramos *podcast* com título em inglês (compreensível por ser o nome do projeto, ligado a outras instituições) e também *podcast* que usava trechos de reportagens de rádios internacionais em inglês, o que dificulta uma divulgação para a população.

O volume de informação gerado nos *podcasts* foi muito grande, acompanhando a infodemia, com seus prós e contras, destacando-se o combate à desinformação e às notícias falsas. Podemos afirmar que *podcasts* que surgiram na pandemia foram melhorando a qualidade de abordagem dos temas e ampliando o perfil dos entrevistados. Queremos crer que os meses da primeira fase da pandemia tenham servido como uma grande testagem de assuntos e públicos para as universidades. E

que ao longo do ano, foram melhorando pouco a pouco o conteúdo, direcionando mais a comunicação científica para públicos mais estratégicos.

Outra questão que merece ser mais explorada é o retorno que os *podcasts* produzidos pelas universidades tiveram. Os que foram escoados para as rádios comunitárias podem ter tido algum retorno do público ouvinte por meio de ligações para as rádios, e-mails ou comentários pela cidade. Nos *sites* das universidades, pode haver um retorno nos e-mails deixados para sugestões de temas ou críticas ou até mesmo um “fale conosco”. Questões como se há retorno por parte dos ouvintes, se há pesquisas feitas pelos produtores dos *podcasts* para avaliar o produto; como os ouvintes sugerem temas para os *podcasts*, precisam ser consideradas na produção.

A pesquisa “Comunicação pública por institutos de pesquisa comparada entre países e ciências: capacitando para o engajamento ou competindo por visibilidade?” (PlosONE, jul./2020, tradução nossa), realizada entre maio e junho de 2018, colheu dados de 2.030 instituições de pesquisa (distribuídos pelo Brasil, Alemanha, Itália, Japão, Holanda, Portugal, Reino Unido e Estados Unidos da América) sobre a frequência de ações de comunicação da ciência e os principais meios de divulgação utilizados.

Segundo o estudo, o Brasil aparece como o país que mais realiza eventos públicos de ciência (que vão desde atividades escolares, debates científicos, feiras de ciência, exposições e semanas temáticas, dentre outros) e também é o país líder em uso dos canais de mídia tradicionais para divulgar a ciência, como entrevistas para a grande mídia, comunicados de imprensa, boletins informativos, publicações não acadêmicas, artigos em revistas etc. No geral:

[...] interações online ocorrem principalmente por meio de *sites* institucionais (73% relataram atualizá-los pelo menos uma vez por mês), com uma grande proporção de institutos relatando nunca usar o Facebook ou Twitter (46% e 60% respectivamente) (ENTRADAS; BAUER et al, 2020).

Já no uso de novas mídias (*blogs*, Facebook, Twitter, YouTube e *podcasts*), o Brasil aparece como o país que tem mais interações em uso diário ou semanal, com frequência de uso de 40%, muito próximo às interações com os *sites* oficiais das instituições (38%). Há que se notar que, sobre mídias novas, não foi incluído o Instagram nem o TikTok, provavelmente pela baixa ou nenhuma representatividade para os pesquisados. O destaque desse estudo é que ele mostra que a comunicação

pública da ciência está cada vez mais se estabelecendo nas instituições públicas. Contudo, há ainda um longo caminho para torná-la uma comunicação pública mais dialógica, que não seja unidirecional, dos cientistas para a população, buscando ultrapassar os limites de uma comunicação entre os pares.

Para o antropólogo Renzo Romano Taddei (2020), professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde atua no Instituto do Mar e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, além de ser coordenador do Laboratório de Pesquisas em Interações Sociotecnicoambientais da mesma instituição e membro do Grupo de Ação Transversal Comunicação de Risco, Divulgação do Conhecimento e Educação para a Sustentabilidade, do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) de Mudanças Climáticas, “a população em geral não entende como o mundo da ciência funciona”³.

Taddei (2020) trabalha com uma linha de pesquisa sobre a “vida social da Ciência”, que visa entender como as populações recebem informações científicas, o que elas fazem com essa informação e porque, nas palavras dele, é “tão frequente que tantas pessoas não acreditem na ciência ou não se comportem da forma que seria esperado do ponto de vista da informação de cientistas ou médicos e engenheiros, por exemplo”. O pesquisador da Unifesp defende que para melhorar a comunicação dos cientistas (e, por conseguinte, das instituições de pesquisa) com a população é preciso valorizar o papel da Comunicação. Como explica na entrevista concedida ao *podcast* “Com quantos paus se faz uma canoa”, em maio/2020:

[...] é muito pouco eficaz termos um instituto de pesquisa, com 300 cientistas trabalhando e você tenha um assessor de imprensa que trabalha meio período. Em geral é assim que funciona (...) Isso não funciona e, inclusive, denota o quão pouca compreensão existe da importância do papel da comunicação.

[...] O que eu tenho dito, já há alguns anos, é que a formação do cientista precisa incluir comunicação social da ciência como parte das disciplinas na formação de todos os cientistas nas suas aulas de pós-graduação. O cientista precisa entender um pouco de comunicação social, de sociologia, pedagogia... Isso precisa ser parte de todos os cursos. Ou essa situação não vai mudar. Esse é o primeiro ponto (TADDEI, 2020).

A comunicação científica/divulgação científica – como uma comunicação institucional maior – precisa ser pensada para além das gestões, para além das

³ Entrevista concedida ao *podcast* “Com quantos paus se faz uma canoa”, no episódio “A comunicação da ciência e seus desafios, em tempos de COVID e além”, em maio/2020. Link: <https://open.spotify.com/episode/6Uph0vJiJCn50A8nj8sfA6>

turmas de alunos e professores motivados. Necessita ser algo maior que demonstre não só o engajamento de toda a universidade ou instituição pública de pesquisa para mostrar à sociedade o que se produz lá dentro, mas também para levar à população o conhecimento do que é feito nestes locais e como pode haver uma troca entre todos (sociedade e universidade). Isso, no nosso entender, precisa ser feito o mais rápido possível. Caso contrário, as plataformas de áudios seguirão cheias de boas e instigantes experiências em divulgação científica de produções realizadas por departamentos, alunos e professores, mas que não terão continuidade e se perderão no volume de *podcasts* produzidos no país.

REFERÊNCIAS

- AVAAZ. **O Brasil está sofrendo uma infodemia de Covid-19: os brasileiros acreditam mais em notícias falsas que os italianos e os estadunidenses.** 4 mai. 2020. Disponível em: https://secure.avaaz.org/campaign/po/brasil_infodemia_coronavirus/. Acesso em: 22 jan. 2021.
- BRASIL. Governo Federal. Ministério da Saúde. O que é a Covid-19?: saiba quais são as características gerais da doença causada pelo novo coronavírus, a Covid-19. **Coronavírus.** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- BRASIL é destaque no mundo por não divulgar dados de mortes por Covid-19. **BBC Brasil.** 2020. Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52967730>. Acesso em: 23 dez. 2021.
- BUARQUE, D. Coronavírus: 'foco da imprensa em número de mortes e falta de proteção amplia medo geral', diz especialista em percepção de risco. **BBC News,** 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51822927>. Acesso em: 22 jan. 2021.
- CALDAS, G. Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência. *In*: PORTO, C. M.; BROTAS, A. M. P.; BORTOLIERO, S. T. (org.). **Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 19-36. ISBN 978-85-232-1181-3. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813-02.pdf>. Acesso em 21 jun. 2021.
- CANAL SAÚDE. **CoronaFatos.** 2020. Disponível em: <https://www.canalsaude.fiocruz.br/podcast/podcastAberto/coronafatos>. Acesso em: 23 dez. 2021.
- CARMICHAEL, F. Vacina contra Covid: os boatos de DNA alterado, microchips e efeitos colaterais. Portal IG. **BBC News Brasil - BBC Reality Check,** 23 nov. 2020. Disponível em: <https://saude.ig.com.br/2020-11-23/vacina-contracovid-os-boatos-de-dna-alterado-microchips-e-efeitos-colaterais.html>. Acesso em 22 jan. 2021.
- CASTELFRANCHI, Y. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? (Muitas respostas óbvias... mais uma necessária). *In*: MASSARANI, L. (org.). **Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana.** Rio de Janeiro: Fiocruz / COC / Museu da Vida, 2010, p.13-22. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/Jornalismo_eCiencia.pdf. Acesso em: 25 jan. 2021.
- CHAGAS, L.; MUSTAFÁ, I.; VIANA L.; BALACÓ, B. Cartografia da produção de podcasts universitários no contexto da pandemia. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora,** Mariana (MG), v. 11, n. 3, p. 06-36, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4421>. Acesso em: 05 mar. 2021.

CHAVES, P. E. E.; CHAVES, P.; SACHET, L. N.; LOPEZ, D. R.; MELO, C. A. R.; MACHADO, M. M.; FARIAS, F. M. O uso do *podcast* como ferramenta de divulgação científica. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, [S. l.], v. 11, n. 3, dez. 2020.

COM QUANTOS paus se faz uma canoa: a comunicação da ciência e seus desafios, em tempos de COVID e além. [Locução de]: Luiz Forte Raspussin. Entrevistado: Renzo Romano Taddei. Instituto do Mar/Unifesp. maio 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6Uph0vJiJCn50A8nj8sfA6> . Acesso em: 20 jun. 2021.

ENTRADAS, M.; BAUER, M. W.; O'MUIRCHEARTAIGH, C.; MARCINKOWSKI, F.; OKAMURA, A.; PELLEGRINI, G.; BESLEY, J.; MASSARANI, L.; RUSSO, P.; DUDO, A.; SARACINO, B.; SILVA, C.; KANO, L.; AMORIM, L. BUCCHI, M.; SUERDEM, A.; OYAMA, T.; LI, Y. Public communication by research institutes compared across countries and sciences: building capacity for engagement or competing for visibility? **Plos One**, [S. l.], 08 jul. 2020. Disponível em <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371%2Fjournal.pone.0235191> Acesso em 28 jul. 2021.

FIOCRUZ assina contrato de 100 milhões de doses da vacina. Fiocruz. **Comunicação e Informação**, [Rio de Janeiro], 10 set. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-assina-contrato-de-100-milhoes-de-doses-da-vacina>. Acesso em: 30 set. 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Se liga no Corona**. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/se-liga-no-corona>. Acesso em: 23 dez. 2021.

GOIÂNIA. Prefeitura. Ciências da natureza: diferenças entre vírus e bactérias. **Portal Conexão Escola**: plataforma de recursos educacionais da SME. Disponível em: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/diferencas-entre-virus-e-bacterias/. Acesso em: 11 jun. 2021.

GUMS, E.; IOSCOTE, F.; SPENASSATTO, G.; JOHN, V. M. Pesquisa exploratória de *podcasts* brasileiros voltados à Divulgação Científica. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 20., 2019, Porto Alegre. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-1708-1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

INSTITUTO BUTANTAN. **Entenda o que é uma pandemia e as diferenças entre surto, epidemia e endemia**. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/entenda-o-que-e-uma-pandemia-e-as-diferencas-entre-surto-epidemia-e-endemia>. Acesso em: 06 jul. 2021.

IVANISSEVICH, A. A mídia como intérprete: como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: VILLAS BOAS, S. **Formação e informação científica**: Jornalismo para iniciados. São Paulo: Summus, 2005.

KISCHINHEVSKY, M.; MUSTAFÁ, I.; MATOS, C. M. de; HANG, L. História do rádio universitário no Brasil: uma primeira abordagem. *In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA*, 11., 2017, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo, 2017.

MACKENZIE, L. E. Science podcasts: analysis of global production and output from 2004 to 2018. United Kingdom. **Royal Society Open Science**, United Kingdom, v. 6, n. 1, 2019. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.180932> Acesso em 12 jul. 2021.

SANAR. Linha do tempo do Coronavírus no Brasil. **Sanar Saúde**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em 20 mai. 2021.

MACHADO, D.; GITAHY, L. Combate à desinformação e divulgação científica exigem ciência. **Observatório da Imprensa**, [S. l.], n. 1111. 27 out. 2020. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/desinformacao/combate-a-desinformacao-e-divulgacao-cientifica-exigem-ciencia/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MARQUES, F. Microfones abertos para a ciência. *Podcasts ganham público e abrem nova frente para a divulgação científica no país*. **Pesquisa FAPESP**, [São Paulo], Edição 277, mar. 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/microfones-abertos-para-a-ciencia/>. Acesso em 05 mar. 2021.

MINISTÉRIO da Saúde divulgará dados de Covid-19 em plataforma interativa. **GOV.BR**. Saúde e Vigilância Sanitária. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/06/ministerio-da-saude-divulgara-dados-de-covid-19-em-plataforma-interativa>. Acesso em: 23 dez. 2021.

MOURA, M. **Universidades públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil**. UNIFESP – Universidade Federal De São Paulo, [São Paulo], 16 abr. 2019. Disponível em: <https://www.unifesp.br/noticias-anteriores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil>. Acesso em: 22 jan. 2021.

MUSTAFÁ, I.; KISCHINHEVSKY, M.; MATOS, C. M.. Cartografia das rádios Universitárias do Brasil (1950-2016). *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 40., 2017, Curitiba. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2017.

NEVES, A. Relembre toda a trajetória do iPod, o MP3 player da Apple que mudou o mundo. **Canaltech**, [S. l.], 28 jul. 2017. Disponível em: <https://canaltech.com.br/produtos/relembre-toda-a-trajetoria-do-ipod-o-mp3-player-da-apple-que-mudou-o-mundo-98018/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

NIELSEN, R. K.; SCHULZ, A.; FLETCHER, R. Um infodêmico contínuo: como pessoas em oito países acessam notícias e informações sobre o Coronavírus um ano após o início da pandemia. **Reuters Institute**, [S. l.], 27 mai.2021. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/ongoing-infodemic-how-people-eight-countries-access-news-and-information-about-coronavirus-year>. Acesso em 05 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE / ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Departamento de Evidência e Inteligência para a Ação em Saúde, Vice-Diretoria. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. 2020. Disponível em:

https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso em: 15 nov. 2020.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE / ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. Departamento de Evidência e Inteligência para a Ação em Saúde, Vice-Diretoria. **Folha Informativa Covid-19**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19#o-que-e>. Acesso em: 22 nov. 2020.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE / ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Doença causada pelo novo coronavírus (Covid-19)**. [S. l., 2020?]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-covid-19>. Acesso em: 17 mar. 2021.

PACETE, L. G. O perfil da audiência de *podcasts* no Brasil. A PodPesquisa mostra que diversidade de conteúdo e liberdade para ouvir como e onde quiser são os principais diferenciais; Nerdcast é o mais ouvido pelos entrevistados. **Meio e Mensagem**, [S. l.], 23 out. 2018. Disponível em:

<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2018/10/23/o-perfil-da-audiencia-de-podcasts-no-brasil.html>. Acesso em: 22 jan. 2021.

PAIVA, D. Da descoberta de uma nova doença até a pandemia: a evolução da Covid-19 registrada nos tuítes da OMS. **G1**, [S. l.], 2020. Bem Estar. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/03/da-descoberta-de-uma-nova-doenca-ate-a-pandemia-a-evolucao-da-covid-19-registrada-nos-tuites-da-oms.ghtml>. Acesso em: 22 jan. 2021.

PICARDI, I., REGINA, S. Science via podcast. *Journal of Science Communication* (Online), v. 7, n. 2, Jun. 2008. Disponível em:

<https://jcom.sissa.it/sites/default/files/documents/Jcom0702%282008%29C05.pdf>
Acesso em: 11 jun. 2021.

PRIMEIRO caso de covid-19 no Brasil completa um ano. **Agência Brasil**. 26 fev. 2021. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>. Acesso em: 08 abr. 2021.

QUAL a diferença de distanciamento social, isolamento e quarentena?. **Telesaúde-RS, no combate à Covid-19**. 02 abr. 2020. Disponível em:

https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena. Acesso em 20 out. 2020.

SANDERS, L. A diferença entre o que republicanos e democratas acreditam ser verdade sobre COVID-19. **YouGovAmerica**. 26 mai. 2020. Disponível em:

<https://today.yougov.com/topics/politics/articles-reports/2020/05/26/republicans-democrats-misinformation>. Acesso em: 22 jan. 2021.

SCHUELER, P. O que é uma pandemia. **BioManguinhos – Notícias e Artigos**. 14 out. 2020. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 11 jun. 2021.

SOUZA, A. Retrospectiva: os boatos mais frequentes sobre a pandemia que circularam em 2020: questionamentos sobre a eficácia de medicamentos e medidas de isolamento social estiveram entre os mais frequentes: A nova onda de desinformação ataca as vacinas. **CONFERE.AÍ**, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2020/12/12009450-retrospectiva--os-boatos-mais-frequentes-sobre-a-pandemia-que-circularam-em-2020.html>. Acesso em: 22 jan. 2021.

VEÍCULOS de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19. **G1**. 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 22 jan. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Timeline**: WHO's COVID-19 response. [2021?]. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline#!>. Acesso em: 20 mar. 2021.

WORD HEALTH ORGANIZATION. Situation by region, country, territory & area. **WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard**, [2020]. Disponível em: <https://covid19.who.int/table>. Acesso em: 27 jun. 2021.

WORD HEALTH ORGANIZATION. Regional Office for Europe. **Working together to tackle the “Infodemic”**. 29 Jun. 2020. Disponível em: <https://www.euro.who.int/en/health-topics/Health-systems/digital-health/news/news/2020/6/working-together-to-tackle-the-infodemic>. Acesso em 22 jan. 2021.

**ANEXO 1 – DETALHAMENTO DOS *PODCASTS* ANALISADOS POR REGIÃO,
ESTADO E UNIVERSIDADE**

ANEXO 2 – EXEMPLOS DE EPISÓDIOS DE *PODCASTS* ANALISADOS POR REGIÃO

REGIÃO CENTRO-OESTE

Goiás

UFG	<i>PODCAST</i> : Boa Semana
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 59 (até julho/2021)
Período analisado: junho a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 23
Periodicidade: semanal	Público: público institucional
Formato: informativo (institucional)	Entrevistados: gestores
Hospedagem: <i>site</i> institucional (Rádio); Spotify, Deezzer, Google Podcasts, Castbox e Anchor; Rádio Universitária UFG 870 AM	
Exemplo de episódio: Boa Semana UFG 15 de junho de 2020 https://open.spotify.com/episode/03neZ5FyabQZCgZliqa1Ln	

UFG	<i>PODCAST</i> : Universitária Informa
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 1.170 (até julho/2021)
Período analisado: abril a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: mais de 100
Periodicidade: diário	Público: população em geral
Formato: informativo	Entrevistados: NÃO TEM
Hospedagem: <i>site</i> institucional (Rádio); Spotify, Deezzer, Google Podcasts, Castbox e Anchor; Rádio Universitária UFG 870 AM	
Exemplo de episódio: Universitária Informa 28 de agosto 10h https://open.spotify.com/episode/5hO3wrkqq2oDbo0g8Fy8aA	

Mato Grosso

UFMT	<i>PODCAST</i> : Vida em Quarentena
Existe desde: março/2020	Total de episódios: 16 (até abril/2021)
Período analisado: abril a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 6
Periodicidade: mensal	Público: público institucional / público específico (movimentos sociais, grupos comunitários, quilombolas, indígenas; ouvintes de rádios comunitárias)
Formato: reportagens	Entrevistados: pesquisadores de bancada; populares
Hospedagem: Plataforma Institucional de Áudios (Comunicast/UFMT), Spotify, Deezzer, Google Podcasts e Itunes	
Exemplo de episódio: Quarentena no Brasil Desigual: https://open.spotify.com/episode/1wP3km4pIIx0EVfDzwzisR	

Mato Grosso do Sul

UFMS	<i>PODCAST</i> : Residência Veterinária UFMS
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 1.170 (até julho/2021)
Período analisado: abril a julho/2020	Total de episódios do período analisado: 28
Periodicidade: semanal	Público: comunidade acadêmica; público específico (agricultores, trabalhadores rurais; população que têm <i>pets</i>)
Formato: informativo	Entrevistados: NÃO TEM
Hospedagem: SoundCloud, Facebook e Instagram	
Exemplo de episódio: Dicas no cuidado de seu cão - prevenção COVID 19 https://soundcloud.com/user-923018650/dicas-no-cuidado-de-seu-cao-prevencao-covid-19	

Brasília (Distrito Federal)

UnB	<i>PODCAST</i> : Facilitaí - PET-Covid
Existe desde: maio/2020	Total de episódios: 31 (até julho/2021)
Período analisado: maio a agosto/2020	Total de episódios do período analisado: 13
Periodicidade: semanal (irregular)	Público: público específico (da periferia de Brasília)
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada; populares
Hospedagem: Spotify	
Exemplo de episódio: #10 PET COVID 19 IVERMECTINA https://open.spotify.com/episode/1OKYeokUDcsdXsXhi0fqzp	

UnB	<i>PODCAST</i> : Facilitaí
Existe desde: maio/2020	Total de episódios: 18 (até julho/2021)
Período analisado: agosto a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 4
Periodicidade: semanal	Público: população em geral
Formato: bate-papo (<i>conversational podcasts</i>)	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Spotify	
Exemplo de episódio: Não são números, são pessoas https://open.spotify.com/episode/0W4LOkeWsPjfGSm1eOcDS9	

UnB	<i>PODCAST: Podcast Journal Club & Progress Report - Odontologia</i>
Existe desde: maio/2020	Total de episódios: 18 (até maio/2021)
Período analisado: maio a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 9
Periodicidade: semanal	Público: pacientes e familiares do Projeto de Extensão de Saúde Bucal de Pacientes com Diabetes Mellitus e população em geral
Formato: mesa redonda	Entrevistados: pesquisadores de bancada (da área de Odontologia)
Hospedagem: Anchor, Breaker, Google Podcast, OverCast, Pocket Casts, Radio Public, Spotify e Copy RSS, Instagram	
Exemplo de episódio: S1 #08 Tudo sobre as vacinas contra COVID-19 https://anchor.fm/journalclubodtunb/episodes/S1-08-Tudo-sobre-as-vacinas-contr-COVID-19-eh36o	

UnB	<i>PODCAST: Projeto de Mentoria Estudantil em Enfermagem (UnB) Mentoria ENF</i>
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 20 (até abril/2021)
Período analisado: agosto a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 16
Periodicidade: mensal	Público: comunidade acadêmica (Estudantes e residentes e Enfermagem)
Formato: entrevistas	Entrevistados: especialistas (enfermeiros/as)
Hospedagem: Spotify	
Exemplo de episódio: Projeto Mentoria ENF entrevista a Enfermeira Monique Bueno no contexto da COVID-19 https://open.spotify.com/episode/6HDKn6FDs8wAp2OeJggYKE	

REGIÃO NORDESTE

Alagoas

UFAL	<i>PODCAST: UFAL e Sociedade</i>
Existe desde: julho/2019	Total de episódios: 97 (até julho/2021)
Período analisado: março a julho/2020	Total de episódios do período analisado: 14
Periodicidade: semanal	Público: comunidade institucional; população em geral
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Rádio web, Spotify, Aplicativo na Play Store, caixas de som espalhadas no campus	
Exemplo de episódio: Saiba como evitar o Coronavírus https://open.spotify.com/episode/60496TDusvGKHPzJ5XmN4d	

UFAL	<i>PODCAST: Giro no Campus / Giro UFAL</i>
Existe desde: março/2020	Total de episódios: 43 (até julho/2021)
Período analisado: março a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 8
Periodicidade: semanal (irregular)	Público: trabalhadores, professores e alunos da UFAL e também o público externo.
Formato: informativo (institucional)	Entrevistados: NÃO TEM
Hospedagem: Rádio web, Spotify, Aplicativo na <i>Play Store</i> , caixas de som espalhadas no campus	
Exemplo de episódio: Esclarecimentos sobre estágios e colação de grau durante a pandemia de Coronavírus https://open.spotify.com/episode/4lXxbnmtslldUIHywLnZF4	

Bahia

UFBA	<i>PODCAST: UFBA no combate ao coronavírus</i>
Existe desde: 2020	Total de episódios: 6
Período analisado: 2020	Total de episódios do período analisado: 1
Periodicidade: quinzenal	Público: profissionais que compõem os quadros de funcionários, alunos e terceirizados.
Formato: informativo	Entrevistados: NÃO TEM
Hospedagem: <i>site</i> institucional, SoundCloud	
Exemplo de episódio: UFBA no combate ao coronavírus - suspensão das aulas e serviços à população https://soundcloud.com/user-423246289/ufba-no-combate-ao-coronavirus-suspensao-das-aulas-e-servicos-a-populacao <i>Obs.: Na realidade, é um hot site que disponibilizou os podcasts.</i>	

UFBA	<i>PODCAST: PPGPSI UFBA</i>
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 17 aulas (abril a agosto/2020)
Período analisado: abril/2020	Total de episódios do período analisado: 4
Periodicidade: semanal	Público: comunidade acadêmica
Formato: educacional (aulas gravadas)	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Spotify	
Exemplo de episódio: Contribuições da Psicologia para situações de isolamento e confinamento: a experiência da Antártida https://open.spotify.com/episode/1Xo9mGCGJARraZPBhyEEA5	

UFBA	<i>PODCAST</i> : PODSair (fora do período)
Existe desde: março/2021	Total de episódios: 6 episódios (março a abril/2021)
Período analisado: indefinido	Total de episódios do período analisado: 6
Periodicidade: semanal	Público: população em geral
Formato: <i>storytelling</i>	Entrevistados: populares
Hospedagem: Spotify	
Exemplo de episódio: Tirem as crianças da sala https://open.spotify.com/episode/4PFYekGgdx8tMf7PNNbw4	

Ceará

UFC	<i>PODCAST</i> : PapoCom
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 53 (até julho/2021)
Período analisado: abril a julho/2020	Total de episódios do período analisado: 10
Periodicidade: semanal	Público: comunidade acadêmica
Formato: mesa redonda	Entrevistados: pesquisadores de bancada; Especialistas
Hospedagem: Spotify e <i>site</i> institucional; veiculado também na Rádio Universitária 107,9	
Exemplo de episódio: PapoCom #2 - Os desafios da comunicação pública no contexto da COVID-19 https://open.spotify.com/episode/1Xtjx2twf16a6XSptCJfd5	

UFC	<i>PODCAST</i> : InterCAST
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 16 (até maio/2021)
Período analisado: abril a maio/2020	Total de episódios do período analisado: 5
Periodicidade: semanal	Público: comunidade acadêmica
Formato: reportagem	Entrevistados: NÃO TEM
Hospedagem: Spotify; Rádio Universitária FM 107,9	
Exemplo de episódio: EP 2 - Economia - COVID 19: Uma pandemia em uma democracia adoecida https://open.spotify.com/episode/4RcVZv7ePq463HuaqYfwfy	

UFC	<i>PODCAST</i> : Papos de Quarentena
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 7 (até julho/2020)
Período analisado: abril a julho/2020	Total de episódios do período analisado: 7
Periodicidade: quinzenal	Público: população em geral
Formato: entrevistas	Entrevistados: populares
Hospedagem: Spotify, Anchor, Deezer, <i>site</i> institucional, Rádio Univeristária FM 107,9	
Exemplo de episódio: Ep. 03 - A Situação dos Trabalhadores Autônomos na Quarentena https://open.spotify.com/episode/3xKT7er3LccKfvScjs6lkE	

Maranhão

UFMA	<i>PODCAST</i> : Projeto Ei! Educação e Informação - ATRAVESSANDO A PANDEMIA
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 27 (até outubro/2020)
Período analisado: abril a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 27
Periodicidade: semanal	Público: público institucional; população em geral.
Formato: informativo	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: YouTube, Rádio Universidade FM, Spotify e Google Podcast; Instagram; Twitter	
Exemplo de episódio: Alynne Queiroz está no episódio #005 do Projeto Ei! Educação e Informação - ATRAVESSANDO A PANDEMIA https://open.spotify.com/episode/67UTXrlrJghe8jucs9idBN	

UFMA	<i>PODCAST</i> : Rádio Ciência
Existe desde: abril/2016	Total de episódios: 27 (até outubro/2020)
Período analisado: abril a junho/2020	Total de episódios do período analisado: 8
Periodicidade: diário / semanal	Público: público institucional; população em geral
Formato: informativo	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Rádio Universidade FM (UFMA), Spotify	
Exemplo de episódio: Pesquisadores da UFMA produzem e distribuem 210 litros de álcool em gel para o Hospital Universitário http://www.universidadefm.ufma.br/jornalismo106/radiociencia/pesquisadores-da-ufma-produzem-e-distribuem-210-litros-de-alcool-em-gel-para-o-hospital-universitario/	

UFMA	<i>PODCAST: Cidade Universitária Entrevista</i>
Existe desde: dezembro/2017	Total de episódios: 28 (até fevereiro/2021)
Período analisado: abril a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 4
Periodicidade: semanal (irregular)	Público: comunidade acadêmica
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada; gestores
Hospedagem: YouTube	
Exemplo de episódio: Cidade Universitária Entrevista - Os Povos indígenas no Maranhão e a covid-19 https://www.youtube.com/watch?v=Dh4S8jXuqbA&list=PLGV3DmRYwP5zaLNAx8ra2mMINUBnUOiFG&index=6	

Paraíba

UFPB	<i>PODCAST: Observantropologia / Antropotretas</i>
Existe desde: maio/2020	Total de episódios: 28 (até julho/2021)
Período analisado: junho a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 6
Periodicidade: quinzenal	Público: comunidade acadêmica
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: <i>site</i> , Spotify, Anchor, Google Podcast; Facebook; YouTube; Instagram (<i>site</i> da UFPB, hospedado no WIX)	
Exemplo de episódio: COVID-19, políticas públicas e cidadania https://podcasts.google.com/feed/aHR0cHM6Ly9hbmNob3luZm0vcy8yMTRkOTM0NC9wb2RjYXN0L3Jzcmw/episode/YTMzYjY2NDYtM2JmOC00MWZiLThkNTEtNjE5YWJmMTI5ZDdh?sa=X&ved=0CAUQkfYCAhcKEwilw_3mhY7yAhUAAAAAHQAA AAAQCA&hl=pt-BR	

UFPB	<i>PODCAST: Senta que lá vem história</i>
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 28 (até novembro/2020)
Período analisado: abril a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 2
Periodicidade: quinzenal	Público: comunidade acadêmica
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Spotify e YouTube, Instagram e Facebook	
Exemplo de episódio: Peste Negra x Coronavírus - <i>Podcast Senta Que Lá Vem História #1</i> https://open.spotify.com/episode/37oRttPYmREj7G3Iri1PIC	

Pernambuco

UFPE	<i>PODCAST</i> : Saúde é o tema - Especial Coronavírus
Existe desde: maio/2020	Total de episódios: 48 (até julho/2021)
Período analisado: junho a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 22
Periodicidade: semanal (irregular)	Público: população em geral
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: <i>site</i> institucional, Rádios Paulo Freire (AM 820 KHz) e Universitária FM (99.9 MHz); Facebook, Twitter, Instagram, YouTube	
Exemplo de episódio: Diabetes e a Covid-19 https://sites.ufpe.br/rpf/2020/09/02/diabetes-e-a-covid-19/	

UFPE	<i>PODCAST</i> : Momento Saúde - Especial Coronavírus
Existe desde: maio/2020	Total de episódios: 48 (até julho/2021)
Período analisado: junho a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 22
Periodicidade: semanal (irregular)	Público: população em geral
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: <i>site</i> , Rádio Paulo Freire (AM 820 KHz) e Rádio Universitária FM (99.9 MHz), Facebook da Rádio Paulo Freire. YouTube (formato em vídeos)	
Exemplo de episódio: Movimento antivacina e a desinformação https://sites.ufpe.br/rpf/2020/09/23/movimento-anti-vacina-e-a-desinformacao/	

UFPE	<i>PODCAST</i> : Coronavírus em xeque – Especial Coronavírus
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 20 (até agosto/2020)
Período analisado: abril a agosto/2020	Total de episódios do período analisado: 20
Periodicidade: semanal	Público: população em geral
Formato: mesa redonda	Entrevistados: pesquisadores de bancada; especialistas
Hospedagem: <i>site</i> , Spotify, Rádio Universitária Paulo Freire 820 AM, Rádio Universitária 99,9 FM	
Exemplo de episódio: Coronavírus em Xeque #2 – Cloroquina, subnotificação, WhatsApp e golpes virtuais https://sites.ufpe.br/rpf/2020/04/17/podcast-2-cloroquina-subnotificacao-whatsapp-e-golpes-virtuais/	

UFPE	<i>PODCAST</i> : Fora da Curva – Especial Coronavírus (*)
Existe desde: setembro/2019	Total de episódios: 62 (até março/2021)
Período analisado: março a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 41
Periodicidade: semanal	Público: população em geral
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada; especialistas
Hospedagem: <i>site</i> , Spotify, Rádio Universitária Paulo Freire 820 AM, Rádio Universitária 99,9 FM; YouTube	
(*) Dentro do <i>podcast</i> , foi criada uma série intitulada “Especial Coronavírus”, com vários episódios. Exemplo de episódio: Especial Coronavírus #13: Como combater a violência sexual infantil na pandemia? https://open.spotify.com/episode/6C2PyXZItAhSgwKOWx4Pss	

UFPE	<i>PODCAST</i> : Conexão UFPE
Existe desde: março/2020	Total de episódios: 48 (até julho/2021)
Período analisado: março a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 18
Periodicidade: semanal	Público: população em geral
Formato: reportagem	Entrevistados: pesquisadores de bancada; especialistas
Hospedagem: Spotify, M-XCloud, Google Podcasts, Deezer, Apple Podcasts, Amazon Music e no YouTube da Ascom UFPE. Agência de Notícias (Ascom)/UFPE	
Exemplo de episódio: Meio ambiente e coronavírus https://open.spotify.com/episode/4Xla7eVs9ChxO8NMSMTgWN	

UFPE	<i>PODCAST</i> : Museológicas <i>Podcast</i> - Série Antropológicas
Existe desde: março/2020	Total de episódios: 48 (até julho/2021)
Período analisado: março a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 18
Periodicidade: semanal (irregular)	Público: população em geral
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada; especialistas
Hospedagem: Spotify, M-XCloud, Google Podcasts, Deezer, Apple Podcasts	
Exemplo de episódio: #16 Antropológicas - Patrice Schuch (PPGAS-UFRGS): COVID-19 e Populações em situação de rua https://open.spotify.com/episode/4aIMOJvOViyX8kAFvTS8VR	

UFPE	<i>PODCAST: Vozes da pesca artesanal</i>
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 19 (até julho/2021)
Período analisado: abril a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 8
Periodicidade: mensal	Público: população em geral
Formato: reportagem	Entrevistados: PCT (Povos e Comunidades Tradicionais - Pescadores nativos); pesquisadores de bancadas; especialistas
Hospedagem: SoundCloud	
Exemplo de episódio: Vozes da pesca artesanal - Pescadoras e o coronavírus https://soundcloud.com/user-531811812/programa-vozes-da-pesca-pescadoras-e-o-coronavirus	

UFPE	<i>PODCAST: Programa Virtus UFPE</i>
Existe desde: março/2020	Total de episódios: 34 (até julho/2021)
Período analisado: março a julho/2020	Total de episódios do período analisado: 7
Periodicidade: semanal (irregular)	Público: público específico (Justiça, advogados, policiais, agentes prisionais, família de presidiários)
Formato: mesa redonda	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: <i>site</i> institucional, Spotify, Facebook, Instagram, YouTube	
Exemplo de episódio: O sistema prisional e a covid-19 - Pescadoras e o coronavírus https://open.spotify.com/episode/65P5Ld1f5aLcnhCpPUSa3C	

Piauí

UFPI	<i>PODCAST: UFPI no combate ao coronavírus</i>
Existe desde: julho/2020	Total de episódios: 9 (até agosto/2020)
Período analisado: julho a agosto/2020	Total de episódios do período analisado: 9
Periodicidade: semanal	Público: comunidade acadêmica; população em geral
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: SoundCloud, Deezer, Spotify	
Exemplo de episódio: Como os consultórios odontológicos estão trabalhando durante a pandemia https://soundcloud.com/user-86797819/como-os-consultorios-odontologicos-estao-trabalhando-durante-a-pandemia	

Rio Grande do Norte

UFRN	<i>PODCAST: Posologia (Sua dose de Ciência)</i>
Existe desde: novembro/2019	Total de episódios: 7 (até maio/2020)
Período analisado: abril/2020	Total de episódios do período analisado: 2
Periodicidade: mensal (irregular)	Público: comunidade acadêmica
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Spotify e <i>site</i>	
Exemplo de episódio: Episodio 5 - Tratamento farmacológico no contexto da pandemia da COVID-19 https://open.spotify.com/episode/0vHd7hoJ9bei6TJ6b5grul	

UFRN	<i>PODCAST: Todos contra o coronavírus (Boletim)</i>
Existe desde: março/2020	Total de episódios: 23 programas + 20 <i>spots</i> (até julho/2020)
Período analisado: março a julho/2020	Total de episódios do período analisado: 23 programas + 20 <i>spots</i>
Periodicidade: semanal	Público: população em geral
Formato: reportagem	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Spotify e <i>site</i> institucional	
Exemplo de episódio: TODOS CONTRA O CORONAVÍRUS 18 – A preocupação com o descarte de lixo durante a pandemia https://open.spotify.com/episode/5Q6qsdcsnjDuuH6Y3YdVQD Exemplo de <i>spot</i> : TODOS CONTRA O CORONAVÍRUS [SPOT 12] Idoso - Refeição https://open.spotify.com/episode/5ik4vS6xg4020wh8NKzjb4	

UFRN	<i>PODCAST: CoronaCast 88</i>
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 17 (até outubro/2020)
Período analisado: abril a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 15
Periodicidade: semanal (irregular)	Público: população em geral
Formato: mesa redonda	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Spotify e Anchor, Apple Podcasts	
Exemplo de episódio: Sobre dados e projeções https://open.spotify.com/episode/5ZuA4RRaKB71w782tN2ewL	

Sergipe

UFS	<i>PODCAST: Princípio Ativo (Seu podcast de Farmacologia)</i>
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 7 (até novembro/2020)
Período analisado: abril a setembro//2020	Total de episódios do período analisado: 5
Periodicidade: semanal (irregular)	Público: população em geral
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Spotify, Anchor	
Exemplo de episódio: #01: O novo coronavírus https://open.spotify.com/episode/18HPASQBEoEESsh52kszx8	

UFS	<i>PODCAST: Alô, comunidade! (fora do período)</i>
Existe desde: novembro/2020	Total de episódios: 10 (até dezembro/2020)
Período analisado: novembro a dezembro//2020	Total de episódios do período analisado: 10
Periodicidade: semanal	Público: população em geral
Formato: informativo	Entrevistados: NÃO TEM
Hospedagem: Spotify, Anchor	
Exemplo de episódio: Episódio 3: Isolamento ou distanciamento social? https://open.spotify.com/episode/1jM1GS2nxUXuywKJSSTnMu	

UFS	<i>PODCAST: SE é Ciência (fora do período)</i>
Existe desde: janeiro/2021	Total de episódios: 28 (até julho/2021)
Período analisado: janeiro a julho/2021	Total de episódios do período analisado: 6
Periodicidade: semanal	Público: comunidade acadêmica
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Spotify	
Exemplo de episódio: #2 Matemática x Covid-19: achata essa curva?! https://open.spotify.com/episode/5EdKGoZ9TnrrXoDP0hbbQ8	

REGIÃO NORTE

Acre

UFAC	<i>PODCAST: Elas com Elas (fora do período)</i>
Existe desde: dezembro/2020	Total de episódios: 8 (dezembro/2020)
Período analisado: dezembro/2020	Total de episódios do período analisado: 8
Periodicidade: semanal (não definido)	Público: comunidade acadêmica
Formato: informativo	Entrevistados: NÃO TEM
Hospedagem: <i>site</i> e Google Drive; Instagram	
Exemplo de episódio: Todos os episódios https://drive.google.com/drive/folders/1K37vRoW8LNHR64_zltmsejH87kb8MP0r	

Amapá

UNIFAP	<i>PODCAST: UNIFAP no Ar</i>
Existe desde: maio/2020	Total de episódios: 268 (até julho/2021)
Período analisado: maio a setembro//2020	Total de episódios do período analisado: 11
Periodicidade: diário (irregular)	Público: comunidade acadêmica
Formato: informativo (institucional)	Entrevistados: gestores
Hospedagem: Spotify e Castbox; Rádio Universitária 96.9 FM, Rádio <i>web</i> Universitária; Facebook, Instagram e Twitter	
Exemplo de episódio: #105 - Cartilha com orientações para saúde mental da FIOCRUZ https://open.spotify.com/episode/6GvU6BurnxkiPPSMdnXQ03	

Amazonas

UNIFAM	<i>PODCAST: Telessaúde UFAM Cast</i>
Existe desde: julho/2020	Total de episódios: 63 (até julho/2021)
Período analisado: julho a setembro//2020	Total de episódios do período analisado: 16
Periodicidade: semanal (irregular)	Público: população em geral
Formato: informativo	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Anchor e Spotify	
Exemplo de episódio: 2. <i>Fake News</i> sobre a COVID-19 https://open.spotify.com/episode/75XPugvAgiFEmMQ6oKRANI	

UNIFAM	<i>PODCAST: Povos Indígenas do Amazonas contra a pandemia de Covid-19 (fora do período)</i>
Existe desde: janeiro/2021	Total de episódios: 6 (janeiro/2021)
Período analisado: janeiro/2021	Total de episódios do período analisado: 5
Periodicidade: diário	Público: público específico (povos indígenas)
Formato: entrevistas	Entrevistados: povos originários (indígenas); pesquisadores de bancadas; especialistas
Hospedagem: <i>site</i> e Spotify	
Exemplo de episódio: 2. POVOS INDÍGENAS DO AMAZONAS CONTRA A PANDEMIA DE COVID-19 https://open.spotify.com/episode/2wPRZTIVbxuyOBki4hLVNg	

Pará

UFPA	<i>PODCAST: Informe Covid (fora do período)</i>
Existe desde: maio/2021	Total de episódios: 23 (maio/2021)
Período analisado: maio 21	Total de episódios do período analisado: 23
Periodicidade: diário	Público: público em geral
Formato: informativo (Informativo)	Entrevistados: NÃO TEM
Hospedagem: <i>site</i> da Rádio <i>Web</i> UFAP	
Exemplo de episódio: 2. <i>Fake News</i> sobre a Covid-19 http://radio.ufpa.br/wp-content/uploads/2021/05/Informe-Covid-19-Combate-%C3%A0s-Fake-News-sobre-a-Covid-19.mp3	

Tocantins

UFT	<i>PODCAST: Conexão UFT</i>
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 11 (até março/2021)
Período analisado: abril a julho/2020	Total de episódios do período analisado: 11
Periodicidade: semanal (irregular)	Público: comunidade institucional; população em geral
Formato: informativo	Entrevistados: gestores; pesquisadores de bancada
Hospedagem: SoundCloud, Spotify, <i>site</i> institucional; Rádio UFT FM	
Exemplo de episódio: Conexão UFT - Educação Financeira em Tempos de Pandemia https://open.spotify.com/episode/55d5H1IUPQPPHB6kmTD67g	

UFT	<i>PODCAST: Radar da Ciência</i>
Existe desde: maio/2020	Total de episódios: 5 (até junho/2020) Obs.: houve a produção de um episódio, em março/2021 - Radar da Ciência - Orgulho LGBTQ+
Período analisado: maio e junho/2020	Total de episódios do período analisado: 5
Periodicidade: semanal	Público: comunidade institucional; população em geral
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: SoundCloud, Spotify, <i>site</i> institucional; Rádio UFT FM	
Exemplo de episódio: Radar da Ciência - Tecnologias da UFT no combate a COVID-19 - Fabricação de protetores faciais com tecnologia 3D https://open.spotify.com/episode/4KICq9rAR0AELWwIACVyl4	

REGIÃO SUDESTE

Espírito Santo

UFES	<i>PODCAST: Resenha Econômica</i>
Existe desde: outubro/2019	Total de episódios: 27 (até julho/2021)
Período analisado: abril e maio/2020	Total de episódios do período analisado: 2
Periodicidade: quinzenal (por conta da pandemia)	Público: comunidade acadêmica
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Spotify, Rádio Universitária UFES FM/Rádio <i>web</i> , Instagram	
Exemplo de episódio: Resenha Econômica 06 - O mercado de trabalho brasileiro e os impactos da crise do coronavírus https://open.spotify.com/episode/6XYDUb6Br845l6QbKvWtVa	

Minas Gerais

UFMG	<i>PODCAST: Outra Estação</i>
Existe desde: agosto/2019	Total de episódios: 71 (até julho/2021)
Período analisado: março a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 34
Periodicidade: semanal	Público: população em geral
Formato: reportagem	Entrevistados: pesquisadores de bancada; populares
Hospedagem: <i>site</i> institucional; Rádio UFMG Educativa 104,5 FM; Spotify, Google Podcast, Deezer, Sticher, PocketCast, CastBox, Apple Podcast, Swoot	
Exemplo de episódio: 57 – Pandemia afeta o campo de maneira desigual https://open.spotify.com/episode/5DkLzICBkom1gSng0ahEHv	

UFMG	<i>PODCAST</i> : Nas ondas do DAST
Existe desde: junho/2020	Total de episódios: 24 (até dezembro/2020)
Período analisado: junho a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 13
Periodicidade: semanal	Público: comunidade institucional
Formato: <i>storytelling</i>	Entrevistados: NÃO TEM
Hospedagem: Spotify	
Exemplo de episódio: Um bate-bola sobre a automedicação https://open.spotify.com/episode/30vH5aS6Z1J7BnEG2Y1ZCq	

UFMG	<i>PODCAST</i> : Telenfermagem no combate ao coronavírus
Existe desde: maio/2020	Total de episódios: 12 (até março/2021)
Período analisado: maio a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 6
Periodicidade: quinzenal	Público: público específico (profissionais de saúde); população em geral
Formato: informativo	Entrevistados: NÃO TEM
Hospedagem: <i>site</i> (na plataforma Wix)	
Exemplo de episódio: Episódio 2 - Como devo me proteger no transporte https://telessaudeufmg.wixsite.com/eeufmg/podcasts	

Rio de Janeiro

UFRJ	<i>PODCAST</i> : Café Ergo
Existe desde: abril/2020	Total de episódios: 8 (até julho/2021)
Período analisado: maio a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 2
Periodicidade: mensal	Público: comunidade acadêmica
Formato: mesa redonda	Entrevistados: pesquisadores de bancada; especialistas
Hospedagem: <i>site</i> na plataforma WordPress; Spotify, Instagram, Facebook	
Exemplo de episódio: Trabalho "Isolado" em Home Office https://open.spotify.com/episode/2NfBrs2UxR2bYFmb29hNOc	

UFRJ	<i>PODCAST</i> : Informação e Conhecimento
Existe desde: outubro/2019	Total de episódios: mais de 100 (até julho/2021)
Período analisado: março a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 18
Periodicidade: diário	Público: população em geral
Formato: informativo	Entrevistados: populares; pesquisadores de bancada
Hospedagem: <i>site</i> da Rádio UFRJ, Spotify, Deezer, Apple Podcasts, Google Podcasts, Sreaker	
Exemplo de episódio: Ataques virtuais crescem durante a pandemia https://open.spotify.com/episode/410XxJPugk0Y0wYIFi9xxL	

UFRJ	<i>PODCAST</i> : Microbiando
Existe desde: abril/2018	Total de episódios: 66 (até julho/2021)
Período analisado: março a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 5
Periodicidade: quinzenal	Público: comunidade acadêmica
Formato: mesa redonda	Entrevistados: pesquisadores de bancada; especialistas
Hospedagem: <i>site</i> (privado), Spotify, iTunes, Google Podcast, TuneIn e outros aplicativos de <i>podcast</i>	
Exemplo de episódio: Resposta imune, testes rápidos e terapia do plasma contra a COVID-19 https://open.spotify.com/episode/0Ki9U8tb9FY74XrMIHjiDz	

UNIRIO	<i>PODCAST</i> : Ouvi Falar
Existe desde: junho/2020	Total de episódios: 18 (até dezembro/2020)
Período analisado: setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 1
Periodicidade: semanal (irregular)	Público: população em geral
Formato: mesa redonda	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: <i>site</i> MultiRio, Spotify, Deezer e Google Podcast	
Exemplo de episódio: Saúde na quarentena - T2 EP2 https://open.spotify.com/episode/0rLz494TSMDeWqT6iJ9V7r	

São Paulo

UNIFESP	<i>PODCAST: Com Quantos Paus Se Faz Uma Canoa</i>
Existe desde: março/2020	Total de episódios: 23 (até julho/2021)
Período analisado: abril e maio/2020	Total de episódios do período analisado: 2
Periodicidade: semanal	Público comunidade acadêmica
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Anchor, Spotify, Deezer, Google Podcast, Apple Podcast, Breaker, OverCast, RadioPublic; Rádio Silva (Rádio Unifesp na Baixada Santista – rádio web)	
Exemplo de episódio: Exemplo de episódio: A comunicação da ciência e seus desafios, em tempos de COVID e além. https://open.spotify.com/episode/6Uph0vJiJCn50A8nj8sfA6	

UNIFESP	<i>PODCAST: 1049 – CAAF Unifesp (fora do período)</i>
Existe desde: outubro/2020	Total de episódios: 23 (até março/2021)
Período analisado: outubro/2020	Total de episódios do período analisado: 20
Periodicidade: diário	Público: comunidade acadêmica
Formato: entrevistas	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Anchor e Spotify, e o canal no YouTube do CAAF/Unifesp	
Exemplo de episódio: EPISÓDIO 09: Os cemitérios e o luto dos familiares de vítimas da covid-19 https://open.spotify.com/episode/2p6mvmr2k9Kh9sHOB6wrJ5	

REGIÃO SUL**Paraná**

UFPR	<i>PODCAST: Fala, Cientista! – Série Especial Coronavírus</i>
Existe desde: junho/2019	Total de episódios: 58 (até julho/2021)
Período analisado: março a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 17
Periodicidade: semanal	Público: população em geral
Formato: mesa redonda	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Anchor, Apple Podcasts, Google Podcasts, Spotify, Breaker, OverCast, PocketCast e RadioPublic	
Exemplo de episódio: Episódio #32 - ESPECIAL - O papel do jornalismo durante a pandemia https://open.spotify.com/episode/6y9ivV6vRrJwwtQ1isK6cl	

UFPR	<i>PODCAST: Siricutico</i>
Existe desde: agosto/2020	Total de episódios: 16 (até setembro/2020)
Período analisado: agosto a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 5
Periodicidade: quinzenal	Público: público específico (mães e pais)
Formato: bate-papo (<i>conversational podcasts</i>)	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: SoundCloud, Spotify, Instagram, YouTube, Facebook	
Exemplo de episódio: Episódio 01 - Socorro, virei professor do meu filho! https://open.spotify.com/episode/5PY7J8accQlv265Izuc1Ea	

Santa Catarina

UFSC	<i>PODCAST: Teaching in Critical Times</i>
Existe desde: junho/2020	Total de episódios: 17 (até dezembro/2020)
Período analisado: junho a agosto/2020	Total de episódios do período analisado: 9
Periodicidade: semanal	Público: público específico (professores, profissionais e entusiastas da área da Educação)
Formato: mesa redonda	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Spotify, YouTube, Instagram, Twitter, Facebook	
Exemplo de episódio: #7 - Envelhecimento, Pandemia e Ensino: discursos e efeitos sociais https://open.spotify.com/episode/3SOE5tDPeiPCYLxKDPeqwL	

UFSC	<i>PODCAST: Repórter UFSC Especial</i>
Existe desde: maio/2019	Total de episódios: 307 (até julho/2021)
Período analisado: março a julho/2020	Total de episódios do período analisado: 260
Periodicidade: diário	Público: população em geral
Formato: informativo	Entrevistados: NÃO TEM
Hospedagem: Rádio web Rádio Ponto, Spotify, M-XCloud, Facebook, Instagram, YouTube	
Exemplo de episódio: Repórter UFSC Especial - Cobertura COVID-19 (03/07/2020) - Pesquisadoras da UFSC fazem grande descoberta sobre o SARS-Cov-2 https://open.spotify.com/episode/0fptOogZ7zd22nlG3lNyMk	

UFSC	<i>PODCAST: #NósdaCobertura - Repórter UFSC no combate à COVID-19</i>
Existe desde: julho/2020	Total de episódios: 62 (julho/2020)
Período analisado: julho/2020	Total de episódios do período analisado: 62
Periodicidade: diário	Público: população em geral
Formato: informativo	Entrevistados: profissionais e estudantes que fizeram a cobertura para o informativo
Hospedagem: Rádio web Rádio Ponto, Spotify, M-XCloud, Facebook, Instagram, YouTube	
Exemplo de episódio: #NósdaCobertura - Repórter UFSC no combate à COVID-19 - Pâmella Andressa https://open.spotify.com/episode/5pGmdpLSxW3KxDyZu05msp	

UFSC	<i>PODCAST: Legítima Defesa Especial - Covid nas prisões</i>
Existe desde: fevereiro/2020	Total de episódios: 9 (até julho/2021)
Período analisado: maio a agosto/2020	Total de episódios do período analisado: 3
Periodicidade: mensal	Público: público específico (advogados, docente e estudantes, famílias de presidiários)
Formato: reportagem	Entrevistados: população carcerária; familiares; agentes de segurança; especialistas
Hospedagem: Spotify e SoundCloud	
Exemplo de episódio: Legítima Defesa #5 Especial - OS NÚMEROS DA COVID-19 NAS PRISÕES BRASILEIRAS https://open.spotify.com/episode/7jVOuxnGldihu8ssKoHABY	

Rio Grande do Sul

UFCSPA	<i>PODCAST: ConectadaMente</i>
Existe desde: junho/2020	Total de episódios: 10 (até março/2021)
Período analisado: junho a setembro/2020	Total de episódios do período analisado:
Periodicidade: mensal	Público: comunidade acadêmica; população em geral
Formato: informativo	Entrevistados: NÃO TEM
Hospedagem: SoundCloud	
Exemplo de episódio: #02 ConectadaMente - COVID-19 e a saúde física e mental https://soundcloud.com/user-737592422/02-covid-19-e-a-saude-fisica-e-mental?in=user-737592422/sets/conectadamente	

UFRGS	<i>PODCAST</i> : Outra Economia
Existe desde: setembro/2019	Total de episódios: 22 (até junho/2021)
Período analisado: abril a agosto/2020	Total de episódios do período analisado: 6
Periodicidade: mensal	Público: comunidade acadêmica; população em geral
Formato: mesa redonda	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Spotify, Plataforma Lúmina (UFRGS)	
Exemplo de episódio: Outra Economia ep.19: Emprego doméstico e a Covid-19 https://open.spotify.com/episode/2oT7ZDiZINmqmu8WJrmtPU	

UFRGS	<i>PODCAST</i> : Fronteiras da Ciência
Existe desde: junho/2019	Total de episódios: 33 (até julho/2021)
Período analisado: março a setembro/2020	Total de episódios do período analisado: 9
Periodicidade: semanal	Público: comunidade acadêmica; população em geral
Formato: mesa redonda	Entrevistados: pesquisadores de bancada
Hospedagem: Spotify, Plataforma Lumina (UFRGS)	
Exemplo de episódio: Frontdaciência - T11E25 - Gestação e COVID-19 https://open.spotify.com/episode/6PqaeCIQX6z6lsD0soy981	